

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

NAIARA ROCHA VIANA

CURTAS-METRAGENS COMO DISPOSITIVOS DE MEDIAÇÃO CULTURAL
Um estudo de caso sobre os projetos Cine Escola e Cineminha On-line

BELO HORIZONTE

2023

NAIARA ROCHA VIANA

CURTAS-METRAGENS COMO DISPOSITIVOS DE MEDIAÇÃO CULTURAL

Um estudo de caso sobre os projetos Cine Escola e Cineminha On-line

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes - EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo

Polo: Jaboticatubas

BELO HORIZONTE

2023

Ficha catalográfica
(Biblioteca Prof. Marcello de Vasconcellos Coelho - EBA- UFMG)

707 V614c 2023	<p>Viana, Naiara Rocha, 1989- Curtas-metragens como dispositivos de mediação cultural [recurso eletrônico] : um estudo de caso sobre os projetos Cine Escola e Cineminha On-Line / Naiara Rocha Viana. – 2023. 1 recurso online (54 p. : il.)</p> <p>Orientadora: Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo.</p> <p>Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arte – Estudo e ensino. 2. Cinema – Estudo e ensino. I. Espírito Santo, Jussara Vitória de Freitas do. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: **NAIARA ROCHA VIANA, Nº. DE REGISTRO: 2021711352**

TRABALHO FINAL: **“CURTAS-METRAGENS COMO DISPOSITIVOS DE MEDIAÇÃO CULTURAL”.**

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

APROVADA em 21 de junho, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Profa. Dra. Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo/ Orientadora CEEAV/ EBA/ UFMG

Profa. Dra. Fernanda Kelly Brito/ Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/ EBA/ UFMG



Documento assinado eletronicamente por **Jussara Vitoria de Freitas do Espirito Santo, Professora do Magistério Superior**, em 23/06/2023, às 10:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Kelly Silva de Brito, Professora do Magistério Superior**, em 27/06/2023, às 08:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2406909** e o código CRC **0DCA1E89**.

RESUMO

O cinema possibilita uma experiência estética, potencializadora do imaginário e do pensamento crítico, desempenhando um papel fundamental no ensino/aprendizagem em Arte e na educação de forma geral. O formato curta-metragem, apesar de sua duração limitada, pode ser tão complexo, profundo e significativo quanto um longa-metragem. Ele oferece uma experiência cinematográfica breve, porém intensa, sendo flexível para uso em diversas situações educativas, sejam elas realizadas em ambientes formais, como escolas, ou não formais, como espaços culturais. Esta pesquisa busca demonstrar possibilidades de uso de curtas-metragens como dispositivos de mediação e construção de conhecimento, analisando duas experiências correlatas de mediação que utilizam esse formato, ambas desenvolvidas pela Escola de Artes Visuais do Centro de Formação Artística e Tecnológica (Cefart), da Fundação Clóvis Salgado (FCS): Cine Escola e Cineminha On-line. A partir da contextualização dos projetos e da revisão da literatura, serão abordados conceitos como mediação cultural e curadoria educativa, explorando a relação entre a linguagem cinematográfica e a educação. Por fim, o trabalho discute as possibilidades e os desafios na abordagem do cinema na escola, as vantagens da utilização de curtas-metragens nesse contexto e a importância da curadoria e da mediação desses recursos.

Palavras-chave: cinema; curta-metragem; educação; ensino/aprendizagem; mediação cultural; Cine Escola; Cineminha On-line.

ABSTRACT

Cinema provides an aesthetic experience that enhances the realm of imagination and critical thinking, playing a fundamental role in teaching and learning within art education and education in general. The short film format, despite its limited duration, can be as complex, profound and meaningful as a feature-length film. It offers a brief yet intense cinematographic experience, being flexible for use in different educational situations, whether performed in formal environments, such as schools, or non-formal ones, like cultural spaces. This research aims to demonstrate the potential of using short films as mediation and knowledge construction devices, analyzing two related mediation experiences that use this format, both developed by the School of Visual Arts at the Artistic and Technological Training Center (Cefart) of the Clovis Salgado Foundation (FCS): Cine Escola and Cineminha On-line. By contextualizing these projects and reviewing the literature, this study addresses concepts such as cultural mediation and educational curatorship, exploring the relationship between cinematic language and education. Finally, the study discusses the possibilities and challenges of incorporating cinema in schools, the advantages of utilizing short films in this context and the importance of curating and mediating these resources.

Keywords: cinema; short film; education; teaching/learning; cultural mediation; Cine Escola; Cineminha On-line.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte no Cine Humberto Mauro, em atividade do Cine Escola, realizada no dia 10/04/2019.....	14
Figura 2 – Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte sendo recebida no hall do Palácio das Artes para atividade do Cine Escola, em visita realizada no dia 17/04/2019.....	15
Figura 3 – Escola da Rede Estadual de Minas Gerais no Cine Humberto Mauro, em atividade do FestCurtasBH.EducativoFCS, realizada no dia 05/05/2023.....	16
Figura 4 – Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte no Cine Humberto Mauro, em atividade do FestCurtasBH.EducativoFCS, realizada no dia 26/05/2023.....	17
Figura 5 – Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte realizando piquenique no jardim do Palácio das Artes, após sessão FestCurtasBH.EducativoFCS, realizada no dia 26/05/2023 no Cine Humberto Mauro.....	17
Figura 6 – Página do projeto Educativo On-line da FCS, mostrando os banners clicáveis de cada um dos 4 eixos.	18
Figura 7 – Página do eixo Cineminha On-line, mostrando os banners clicáveis de cada publicação.....	20
Figura 8 – Banner da última publicação do Cineminha On-line.	20
Figura 9 – Exemplo de conteúdo da publicação do Cineminha On-line (Parte 1).....	21
Figura 10 – Exemplo de conteúdo da publicação do Cineminha On-line (Parte 2).	21
Figura 11 – Exemplo de conteúdo da publicação do Cineminha On-line (Parte 3).	22
Figura 12 – Peças gráficas feitas pela equipe de Comunicação para divulgação pelo Instagram da FCS.	22
Figura 13 – Página do Relatório de Gestão 2020 da Fundação Clóvis Salgado.	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CAPÍTULO 1 – ENTRE TELAS E VIVÊNCIAS: O CINEMA COMO FIO CONDUTOR	10
2.1	Memórias em movimento: minha relação com o cinema.....	10
2.2	Cine Escola: o encontro mágico entre a Educação e a Sétima Arte	13
2.3	Cineminha On-line: navegando por outras telas.....	17
3	CAPÍTULO 2 – ILUMINANDO O CAMINHO: DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO, MEDIÇÃO CULTURAL E CINEMA	25
4	CAPÍTULO 3 – CURTAS-METRAGENS COMO JANELAS PARA COMPREENDER O MUNDO: ENTRE A SALA DE AULA E A SALA DE CINEMA.....	34
4.1	Além da tela: os desafios do trabalho com o cinema na Educação Formal.....	34
4.2	Sobre curtas-metragens e suas singularidades.....	38
4.3	O que os curtas-metragens têm a ensinar?.....	40
4.4	Alternativas para o trabalho com curtas-metragens na escola.....	41
5	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS	46
	APÊNDICE	48
	ANEXO A – Formulário de agendamento	51
	ANEXO B – Formulário de visita	53
	ANEXO C – Termo de anuência da instituição coparticipante da pesquisa	54

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal explorar a relação entre Cinema e Educação, com ênfase no uso de curtas-metragens em processos educativos. A pesquisa propõe investigar o potencial do cinema no formato curta-metragem como um dispositivo ou ferramenta de mediação cultural e construção de conhecimento, explorando suas possibilidades no ensino/aprendizagem em arte e na educação de modo geral, tanto em contextos formais quanto não formais.

O estudo busca analisar como o cinema tem sido utilizado como ferramenta educacional, identificando práticas existentes e suas contribuições para a construção de conhecimento, além de explorar maneiras de potencializar seu uso. Com isso, busca-se promover uma educação audiovisual que estimule o pensamento crítico, a imaginação, a criatividade e a sensibilidade, por meio da reflexão sobre questões estéticas, culturais e sociais presentes nas obras cinematográficas.

A pesquisa se concentrará em duas experiências correlatas de mediação através do cinema, mais especificamente de curtas-metragens: Cine Escola e Cineminha On-line. Ambas são desenvolvidas e realizadas pela Escola de Artes Visuais do Centro de Formação Artística e Tecnológica (Cefart), pertencente à Fundação Clóvis Salgado (FCS), localizada em Belo Horizonte.

A estrutura do trabalho compreenderá três capítulos. No Capítulo 1 serão descritas as motivações que levaram à escolha da presente temática. A autora compartilhará sua relação pessoal com o cinema desde a infância e como ele foi se tornando presente também em sua trajetória profissional, que envolve os campos da arte e da educação, com sua atuação nas áreas de arte-educação e ensino de arte, em diferentes contextos, tanto em ambientes não formais quanto na educação formal. Será destacado o trabalho da autora no Cefart/FCS, onde o cinema está presente em ações educativas, como os projetos mencionados anteriormente, que serão apresentados e contextualizados nesse capítulo.

O Capítulo 2 abordará os fundamentos teóricos e metodológicos do trabalho, situando-o no campo da pesquisa em ensino/aprendizagem de arte. Será realizada uma revisão de literatura, com referências que abrangem as áreas da educação, do ensino/aprendizagem de arte e da mediação. Além disso, será discutido o cinema enquanto linguagem artística e sua presença nos espaços educativos formais, não formais e informais, bem como a importância de promover

uma educação imagética, que inclui o cinema. Uma questão relevante a ser apresentada neste capítulo será a relação entre os conceitos de mediação cultural e curadoria educativa e como esses conceitos se aplicam ao trabalho com curtas-metragens.

No Capítulo 3 serão apresentadas considerações sobre o formato curta-metragem, incitando a discussão sobre seu uso no ensino/aprendizagem e as possíveis vantagens da sua adoção. Também serão compartilhados relatos de experiências pessoais da autora em que se percebe o uso inadequado do cinema na educação, de forma superficial, descontextualizada, como mero entretenimento ou ilustração de conteúdos, sem explorar sua linguagem e potencial artístico, além de abordar questões que dificultam a implementação de projetos cinematográficos nas escolas. Diante dos desafios e obstáculos apresentados, o texto aponta a necessidade de repensar a abordagem do cinema na educação, desde a escolha dos filmes até o trabalho de mediação desenvolvido com eles.

Por último, serão apresentadas as considerações finais. Ao potencializar o uso do cinema como objeto de conhecimento, pretende-se fomentar a educação audiovisual, que vai além da fruição passiva da mídia, incluindo o desenvolvimento de habilidades de análise, interpretação e produção de conteúdo audiovisual. Dessa forma, busca-se ampliar as oportunidades de aprendizagem e proporcionar aos estudantes uma experiência mais completa e significativa no campo da educação, estimulando a interdisciplinaridade, a criatividade e a expressão artística.

2 CAPÍTULO 1 – ENTRE TELAS E VIVÊNCIAS: O CINEMA COMO FIO CONDUTOR

2.1 Memórias em movimento: minha relação com o cinema

A presente pesquisa, que buscará estabelecer relações entre cinema e educação, com foco no uso de curtas-metragens em processos educativos, nasce a partir de questões que foram sendo construídas ao longo da minha trajetória de vida, em meus estudos, formações, trabalhos, com base em minhas experiências, gostos e afinidades. Assim, acredito ser necessário uma breve contextualização dessa trajetória, apresentando os principais momentos que me trouxeram até aqui.

O cinema é uma paixão que carrego desde a infância, estando presente em minha vida desde que me recordo, através dos filmes que assistia repetidamente, seja em minha casa, pela programação exibida na televisão aberta, ou por meio de fitas VHS, assistidas na casa de parentes, já que não tinha o aparelho de videocassete. Assistir filmes na tela grande do cinema, por mais maravilhoso que fosse, não era uma experiência tão frequente, pela falta de recursos financeiros, mas, sempre que possível, minha mãe ou minhas tias me levavam, sendo mais frequente a ida no período de férias escolares. Talvez por isso eram momentos tão especiais para mim. Os filmes preferidos para essas ocasiões eram animações da Disney. Demorei um pouco até finalmente ter acesso a aparelhos que me possibilitassem uma maior autonomia para assistir os filmes que queria. Só fomos ter videocassete e, posteriormente, leitor de DVD, em casa tardiamente, mas isso me possibilitou, por exemplo, explorar a coleção de filmes de uma tia, com alguns filmes mais “artísticos”, além de poder ter acesso ao acervo das videolocadoras do meu bairro, por mais limitadas que fossem. Passava bastante tempo vasculhando as prateleiras em busca de novidades e às vezes também levava para casa alguns cartazes de filmes que já não seriam mais utilizados. Conforme fui crescendo, meu repertório cinematográfico foi se ampliando e pude explorar novos acervos. Cheguei inclusive a trabalhar em uma videolocadora por um breve período (cerca de 4 meses), na adolescência (meu primeiro emprego). Essa videolocadora era especializada em acervo de arte e foi uma grande impulsionadora para minha vontade de conhecer mais sobre cinema. É interessante relembrar esses fatos e pensar em como cada geração se relaciona e tem acesso a filmes. Atualmente, com a internet e o acesso facilitado a praticamente todo tipo de produção audiovisual, por meio de plataformas de *streaming* ou sites de compartilhamento de arquivos, muitas pessoas nem imaginam o que era necessário se fazer para conseguir determinados filmes, como o fato de que eles só estavam disponíveis em mídias físicas e que era necessário sair de casa e se deslocar até

um lugar específico para alugá-los e depois voltar para devolvê-los. Quem dirá saber sobre o risco que havia de pagar uma multa caso devolvesse a fita sem rebobinar! Enfim, por maior que seja a comodidade atual na hora de escolher um filme para assistir em casa, ir a uma videolocadora era um evento bem divertido para mim.

Paralelo a isso, fui apresentada ao Cine Humberto Mauro (CHM)¹, o que foi paixão à primeira vista. Em 02 de julho de 2006 um primo me levou para ver um filme do Godard, *O Demônio das Onze Horas* (*Pierrot Le Fou*, França, 1965, 110 minutos. Direção: Jean Luc Godard). Provavelmente nem entendi a história muito bem na época, mesmo assim sai impressionada por aquela experiência, tocada por aquelas imagens maravilhosas, vistas em tela grande, que nunca mais saíram da minha memória. O Cine Humberto Mauro foi um divisor de águas em minha vida, pois através dele pude ter contato com grandes clássicos e com muitas raridades, que não eram facilmente encontrados em videolocadoras. Na época, ainda havia cobrança de ingressos, de 5 reais a inteira, mas o preço já era bem mais em conta do que os cinemas comerciais de shopping, que eram os que eu conhecia até então (em 2012 os ingressos passaram a ser distribuídos de forma gratuita, democratizando ainda mais o acesso ao cinema). Desde então, me tornei frequentadora da sala, tendo acompanhado a programação de várias mostras e maratonas, dedicadas a diferentes diretores e temáticas, e comecei a colecionar os ingressos das sessões, que ainda guardo com muito carinho. Foi no CHM, inclusive, que comecei a ter mais contato com as produções em formato curta-metragem, através de mostras como o MUMIA – Mostra Udigrudi Mundial de Animação (com foco em curtas-metragens em animação) e o FestCurtasBH – Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte. Também virou um hábito anotar todos os filmes a que assisto (com data e outras informações relevantes para mim), inicialmente em um caderninho e atualmente em planilhas eletrônicas e sites especializados (como o *Filmow*).

Quando prestei vestibular, Cinema se encontrava entre minhas possíveis escolhas, junto de outros cursos, como Artes Visuais e História. No entanto, como o curso de Cinema não era oferecido em universidades públicas e não consegui uma bolsa pelo PROUNI, que eram minhas únicas possibilidades, não tive condições para cursar. Tentei então Artes Visuais na UFMG, que para mim era o que mais se aproximava do que queria, e fui aprovada. Construí toda a

¹ Mantido pela Fundação Clóvis Salgado e localizado no andar de baixo do Palácio das Artes, o Cine Humberto Mauro, inaugurado em 1978, é o principal cinema público de Minas Gerais e mantém a tradição do cineclubismo. Conta com uma sala de cinema, que oferece sessões gratuitas, com programação disponibilizada tanto nos painéis próximos à Sala quanto virtualmente, pela plataforma digital CineHumbertoMauroMAIS, também pública e gratuita, lançada em outubro de 2020, durante a pandemia de Covid-19, que complementa as ações presenciais do CHM (Disponível em: <https://www.cinehumbertomauromais.com/>. Acesso em: 1 jun. 2023).

minha trajetória acadêmica na UFMG, começando nas Artes Visuais (cursei o Bacharelado – em Artes Gráficas – e a Licenciatura na Escola de Belas Artes da UFMG) e seguindo depois para a Pedagogia (que cursei pela Faculdade de Educação da UFMG). Na graduação, busquei me aproximar da linguagem do cinema, tendo cursado disciplinas teóricas sobre o tema.

Em minha trajetória profissional, tenho atuado entre os campos da arte e da educação, tanto em ambiente não formal (realizando mediações nas exposições e dando aulas em cursos livres e regulares pela Escola de Artes Visuais do Centro de Formação Artística e Tecnológica (Cefart), pertencente à Fundação Clóvis Salgado (FCS), onde trabalho desde 2016) quanto na educação formal (como professora de Arte da Rede Municipal de Educação/BH, desde 2021). Embora ambas as escolas sejam públicas, minha atuação é bem diversa, de acordo com as condições (tempo, espaço, recursos) que cada lugar me oferece e o público que cada um recebe.

Dentro do meu trabalho no Cefart/FCS são várias as ações em que o cinema se faz presente. As ações educativas da Fundação Clóvis Salgado, das quais participo, abarcam essa linguagem por meio do programa Cine Escola e do projeto Educativo On-line, no eixo Cineminha On-line, que serão detalhados logo mais. Já nas aulas que leciono, procuro trazer o cinema em vários exemplos teóricos (como nas aulas sobre cor e composição) e, quando tenho oportunidade, em práticas mais experimentais. Já dei algumas aulas introdutórias sobre animação e produzi “brinquedos óticos” para demonstrar alguns princípios de animação, além de propor a criação de micronarrativas feitas a partir da técnica de *stop motion* utilizando retroprojetor e recortes de papel (usando como referência a animadora alemã Lotte Reiniger). Esse trabalho foi desenvolvido presencialmente com algumas turmas da disciplina “Linguagem Visual”, que faz parte do curso de Arte-Educação, ofertado pela Escola de Artes Visuais do Cefart. Cabe dizer que esse curso recebe um público mais adulto, já que tem como pré-requisito que o estudante esteja regularmente matriculado ou tenha concluído o Ensino Médio, sendo a última situação bem mais recorrente (muitos professores procuram o curso também).

Em meu trabalho na educação formal, na Rede Municipal de Belo Horizonte, dou aulas de Arte para turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com uma aula semanal de 60 minutos para cada uma das turmas da escola (em 2023, são 10 turmas). Por estar no início de carreira nessa Rede e não ter tanta experiência com aulas para essa faixa etária, ainda estou levantando possibilidades de trabalho com o cinema em sala de aula, apesar dos desafios que já venho percebendo nesse contexto, como a falta de tempo (tanto para as aulas quanto para planejamento), excesso de alunos por turma, limitações estruturais/técnicas etc.

2.2 Cine Escola: o encontro mágico entre a Educação e a Sétima Arte

O programa Cine Escola, realizado por meio de uma parceria da Escola de Artes Visuais do Cefart (criada em 2016) com o Cine Humberto Mauro (CHM), oferece sessões mediadas e gratuitas de cinema para estudantes e professores de escolas de ensino regular, públicas e privadas, em todas as etapas de ensino, de Belo Horizonte e da região metropolitana, além de ONGs, projetos sociais e outras instituições interessadas. O Cine Escola surge em 2018, como uma continuidade do Projeto Cineminha², iniciativa criada em 1997 e que durou até 2016. O Projeto Cineminha tinha uma proposta mais lúdica, sendo realizado por atores/recreadores, em que o foco, além da sessão de cinema, era em brincadeiras e dinâmicas feitas com as crianças. Já o Cine Escola, apresenta uma proposta de mediação mais baseada no diálogo, feita pelos mediadores/professores da Escola de Artes Visuais. Utilizarei o termo “mediadores/professores” para identificar a dupla atuação desses profissionais (eu inclusa), que realizam tanto as ações do Educativo da FCS, com as visitas mediadas às exposições realizadas nos espaços da Fundação Clóvis Salgado³, o atendimento do Cine Escola e a produção de conteúdo para o Educativo On-line, quanto ministram aulas nos cursos regulares, de extensão e livres oferecidos pelo Cefart, sendo todos licenciados (a maioria em Artes Visuais, mas também aparecem cursos como Letras e História).

O Cine Escola tem como um de seus objetivos suprir algumas lacunas ou demandas apresentadas pelas escolas em relação à linguagem do cinema, realizando a exibição de filmes diferenciados, não pertencentes ao circuito tradicional, em um espaço privilegiado, o CHM, que dispõe de equipamentos de projeção para todos os formatos de filmes, sejam analógicos (35mm e 16mm) e/ou digitais (DCP 2K e 4K, DCP 3D, entre outros). O projeto exerce um importante papel de democratização no acesso à cultura e aos espaços culturais e de estímulo à ampliação da percepção e da sensibilidade do público para as diferentes formas de se fazer cinema ao apresentar produções que fogem do circuito comercial.

A programação da sessão, geralmente composta por curtas-metragens, é feita de acordo com a faixa etária recebida, tendo como referência a classificação etária do filme. Geralmente eram exibidos filmes que haviam participado de alguma edição do FestCurtasBH, por já fazerem parte do acervo do CHM. Mas também era possível seguir alguma temática indicada por um

² Ver: “PROJETO CINEMINHA - PALÁCIO DAS ARTES / FCS”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DSmNhpMYoEM&ab_channel=FabricioMendes. Acesso em: 1 jun. 2023.

³ Inclui o Palácio das Artes (compreendendo a Grande Galeria Alberto da Veiga Guignard, a Galeria Genesco Murta, a Galeria Arlinda Corrêa Lima, a Galeria Mari’Stella Tristão, a PQNA Galeria Pedro Moraleida, o Acervo FCS e a Galeria Aberta Amílcar de Castro) e a CâmeraSete.

responsável pelo grupo no momento do agendamento da visita, sobre algum assunto que a escola ou instituição tinha interesse em explorar, como reciclagem ou meio ambiente, por exemplo.

A duração total dos atendimentos do Cine Escola fica em torno de 90 minutos, entre a chegada e a saída do grupo. As visitas são divididas em três momentos: acolhimento, exibição e mediação. O acolhimento é o momento em que o grupo é recebido, desde o desembarque do ônibus ou chegada ao hall do Palácio das Artes, até sua condução ao interior do Cine Humberto Mauro. Com todos acomodados no cinema, é feita uma breve fala contextualizando o espaço e o que será visto. A sessão em si possui de 40 a 50 minutos, compreendendo em média cinco curtas selecionados. O formato curta-metragem é adotado também pensando na duração total da visita, pois um longa-metragem facilmente ultrapassaria o tempo que as escolas dispõem, que leva em conta o transporte de ida e volta e os atrasos nesse percurso. A exibição dos filmes é seguida de debates conduzidos pelos mediadores/professores com o público, buscando ampliar a reflexão acerca dos temas abordados pelos filmes e trazer algumas informações básicas a respeito da linguagem cinematográfica, como, por exemplo, apontar a diferença entre longa e curta-metragem ou entre animação e *live-action*⁴. A mediação busca ainda demonstrar a potencialidade do cinema enquanto ferramenta narrativa, de crítica e de transformação da realidade. Principalmente, constitui uma experiência de democratização do acesso ao cinema, que promove a aproximação do público escolar com o Cine Humberto Mauro e com o Palácio das Artes, ressaltando o caráter público dessa instituição, e o surgimento de uma relação de pertencimento a esses espaços e à vida cultural da cidade.

Figura 1 – Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte no Cine Humberto Mauro, em atividade do Cine Escola, realizada no dia 10/04/2019.



Fonte: Autoria própria.

⁴ Filme em “live-action” ou filme de “ação ao vivo” é o nome dado a um filme em que os personagens e eventos são representados por pessoas reais e não por animação ou efeitos especiais.

Figura 2 – Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte sendo recebida no hall do Palácio das Artes para atividade do Cine Escola, em visita realizada no dia 17/04/2019.



Fonte: Autoria própria.

O programa chegou a ser tema de uma Monografia de Especialização intitulada *Um encontro com o cinema: a atuação de arte-educadores no âmbito do Programa Cine Escola* (BARBOSA, 2020), escrita por Dominick Lattuada Abreu Barbosa, aluna egressa deste mesmo curso (CEEAV / EBA / UFMG). A autora investigou a atuação e a metodologia de trabalho de arte-educadores do Programa Cine Escola, durante sessões realizadas no Cine Humberto Mauro. O objetivo da pesquisa foi compreender a dinâmica de trabalho e identificar as estratégias utilizadas pelos arte-educadores durante o atendimento às sessões do Cine Escola, apontar os desafios presentes em sua atuação e o modo como as atividades do programa podem criar possibilidades para uma educação audiovisual do público infanto-juvenil.

Fui uma das profissionais cujo trabalho foi observado nessa pesquisa, enquanto arte-educadora/professora de Arte da referida instituição. Aproveito para reforçar as observações da autora sobre os desafios presentes na realização do programa: o tempo muito restrito para a mediação, de apenas uma hora e meia de duração em média; os imprevistos, que exigem adaptações constantes no planejamento das ações, como atraso das escolas devido ao trânsito; e o fato de o programa ainda estar sendo estruturado, portanto não possuindo uma metodologia bem definida, ficando a abordagem a cargo de cada arte-educador, embora isso ao mesmo tempo seja percebido por ela como uma potência, por não deixar a visita engessada, seguindo um roteiro fechado. Ainda poderia apontar outras questões estruturais que poderiam ser melhoradas, como a falta de um espaço mais adequado de acolhimento do público, seja para as

visitas ao CHM ou às galerias da FCS, com guarda-volumes onde os visitantes possam guardar suas mochilas e bolsas, ou um espaço onde as escolas possam lanchar ao final da visita se desejarem, por exemplo. Um espaço de ateliê, em que possam ser realizadas atividades práticas (que já existiu, mas que foi desmontado por uma determinada gestão), também seria bem importante. Como pontos positivos, a autora destaca a importância do papel dos arte-educadores em provocar nos alunos/espectadores/visitantes reflexões sobre o cinema, por meio de uma experiência estética/sensível, e em apresentar outras possibilidades de se fazer e se pensar o cinema, através de uma filmografia diversa.

Com a pandemia da Covid-19 e seu agravamento no Brasil, a partir de março de 2020 todas as atividades presenciais da Fundação Clovis Salgado foram suspensas, sendo substituídas pela modalidade de teletrabalho. Isso incluiu as ações educativas presenciais do Cefart, como aulas e visitas. Assim, o Cine Escola sofreu nova interrupção. Mesmo com a reabertura dos espaços da FCS, que foi ocorrendo gradualmente, seguindo as medidas sanitárias que foram sendo adotadas, as ações do Cine Escola ainda levaram mais tempo até serem retomadas. Isso só ocorreu recentemente, a partir de abril de 2023, acompanhado de uma nova mudança na nomenclatura: o Cine Escola agora passa-se a chamar FestCurtasBH.EducativoFCS, consolidando a parceria entre o CHM e o Educativo e atrelando de vez a programação da sessão aos curtas-metragens selecionados para o FestCurtasBH. Como essa é uma atualização bem recente, poderá ser analisada em outra ocasião, quando houver um maior distanciamento.

Figura 3 – Escola da Rede Estadual de Minas Gerais no Cine Humberto Mauro, em atividade do FestCurtasBH.EducativoFCS, realizada no dia 05/05/2023.



Fonte: Autoria própria.

Figura 4 – Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte no Cine Humberto Mauro, em atividade do FestCurtasBH.EducativoFCS, realizada no dia 26/05/2023.



Fonte: Autoria própria.

Figura 5 – Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte realizando piquenique no jardim do Palácio das Artes, após sessão FestCurtasBH.EducativoFCS, realizada no dia 26/05/2023 no Cine Humberto Mauro.



Fonte: Autoria própria.

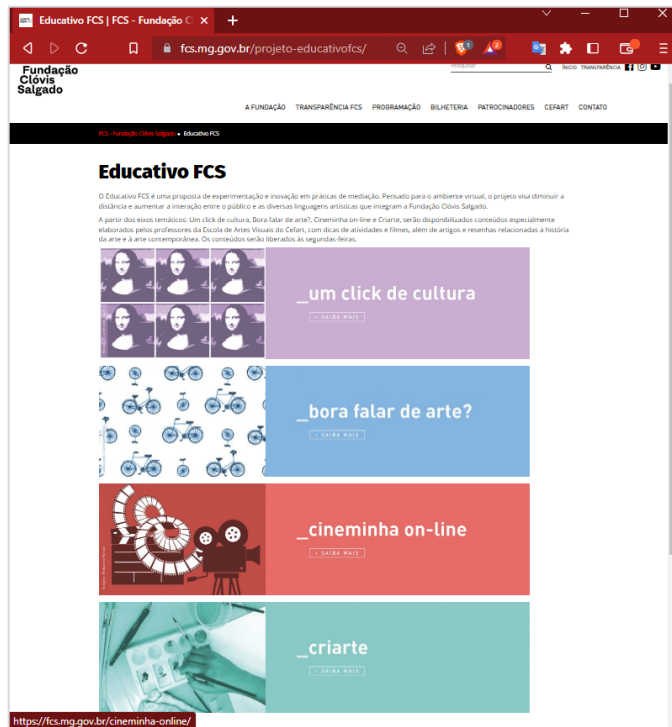
2.3 Cineminha On-line: navegando por outras telas

A pandemia provocou muitas mudanças e novas demandas de trabalho. O programa Educativo da FCS teve que ser repensado e iniciou-se o Educativo On-line⁵, uma proposta de experimentação e inovação em práticas de mediação. Pensado para o ambiente virtual e localizado dentro do site da FCS, constituiu-se de publicações de ações educativas criadas pelos mediadores/professores, que eram postadas com determinada periodicidade, que foi variando ao longo de sua duração (inicialmente eram semanais, depois quinzenais, mensais, até chegar à interrupção do projeto, no início de 2023). As primeiras publicações foram disponibilizadas no site no dia 28/05/2020. O Educativo On-line abarca experiências relacionadas às artes visuais

⁵ Para saber mais, visite: <https://fcs.mg.gov.br/projeto-educativofcs/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

através de quatro eixos, “Um Click de Cultura”, “Bora Falar de Arte?”, “Cineminha On-line” e “Criarte”, seja com proposições mais reflexivas ou mais práticas.

Figura 6 – Página do projeto Educativo On-line da FCS, mostrando os banners clicáveis de cada um dos 4 eixos.



Fonte: *Print screen* da página do Educativo FCS, no site da FCS.

O que era realizado no Cine Escola acabou se transformando, nesse novo formato, no eixo “Cineminha On-line”⁶, sofrendo modificações em relação à idade do público-alvo, que se reduziu. O foco passa a ser a primeira infância, mas mantém-se o uso de curtas-metragens, o que justifica duplamente o nome Cineminha, no diminutivo, além de remeter ao antigo nome do projeto presencial, antes de se tornar Cine Escola. Nesse formato virtual, são realizadas publicações contendo sempre a indicação de um curta-metragem escolhido pelas mediadoras/professoras autoras das publicações (eu, em parceria com uma amiga e colega de trabalho, Ana Luiza⁷) e um texto contendo reflexões, curiosidades e atividades relacionadas aos curtas indicados ou ao cinema de forma geral. No Cineminha On-line, fui responsável tanto pela produção de conteúdo textual quanto imagético (ilustrações para peças gráficas de divulgação e para o conteúdo do site). Considero esse projeto muito importante para mim, pois além de fazer a curadoria e escrever sobre os curtas, a necessidade da produção de imagens me

⁶ Todas as publicações podem ser lidas em: <https://fcs.mg.gov.br/cineminha-online/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

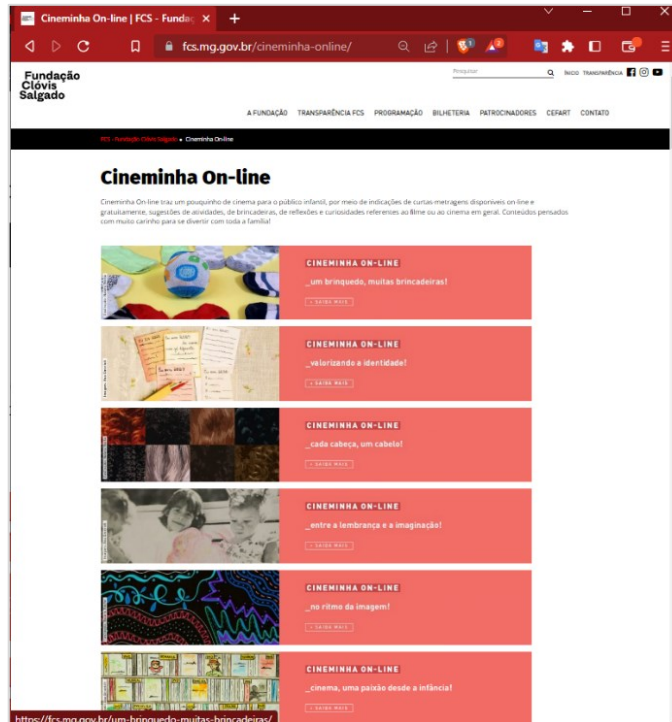
⁷ Ana Luiza Emerich, licenciada em Artes Visuais e mestra em Artes pela EBA/UFMG, professora e mediadora na Escola de Artes Visuais do Cefart e professora da Rede Municipal de Educação/BH.

reaproximou da prática artística, que estava parada desde que deixei a EBA. Para criar as ilustrações, experimentei diferentes técnicas e linguagens, como desenho manual, desenho digital, fotografia, colagem e GIFs.

O processo de escrita dos textos foi uma experiência muito rica, pois fomos aprendendo na prática sobre como construir um estilo de texto que fosse acessível ao público infantil, o que é algo que se mostrou mais complexo do que parecia no início. Considerando que a faixa etária que queríamos atingir pode ainda não saber ler ou estar iniciando esse processo, passamos a construir o texto em uma linguagem que a criança pudesse compreender a partir da leitura feita por um adulto, caso ainda não conseguisse realizá-la sozinha. A escrita era realizada sempre de forma coletiva, com as duas autoras escrevendo ao mesmo tempo, uma interferindo diretamente na escrita da outra ou deixando comentários em determinados trechos, com sugestões de acréscimos ou apontamentos de algo que deveria ser revisto, através de um documento on-line compartilhado. Um dos desafios da escrita era a concisão, pois muitas vezes queríamos falar sobre várias coisas interessantes que víamos nos curtas, mas também não podíamos escrever demais para a leitura não ficar cansativa, deixando também espaço para a imaginação e a curiosidade das crianças trabalharem.

Um ponto interessante é que nessa nova etapa optou-se por apresentar somente produções nacionais, considerando-se curtas que estejam disponíveis on-line e gratuitamente. Sobre a curadoria, no início estávamos seguindo a mesma linha do Cine Escola, com predomínio de curtas que haviam passado pelo FestCurtasBH, mas logo isso passou a não ser um fator tão relevante na nossa escolha. Foram realizadas 60 publicações, até a interrupção do projeto (a primeira em 28/05/2020 e a última em 26/12/2022), trazendo curtas de vários estados do Brasil e sobre temas bem variados, como medos, sonhos, brincadeiras, imaginação, lembranças, diversidade, identidade, meio ambiente etc.

Figura 7 – Página do eixo Cineminha On-line, mostrando os banners clicáveis de cada publicação.



Fonte: *Print screen* da página do Cineminha On-line, no site da FCS.

Ao clicar em cada banner, contendo uma imagem à esquerda e o nome do eixo e título da proposta à direita, abre-se uma nova janela com a publicação completa. As ilustrações costumavam ser revezadas entre Ana Luiza e eu. Na imagem abaixo, um banner contendo uma foto feita por mim.

Figura 8 – Banner da última publicação do Cineminha On-line.



Fonte: Página do Cineminha On-line, no site da FCS.

Sobre o conteúdo da página, sempre iniciava com o título, seguido de uma breve chamada, do link para assistir ao curta da vez e da ficha técnica do curta. Depois vinha a parte do texto, que poderia incluir os subtítulos “Para refletir”, “Curiosidades” e “Atividade”, terminando com “Sobre as autoras”. Importante dizer que os curtas não eram hospedados diretamente no site da FCS, mas “embedados” na página, ou seja, eram hospedados em outras plataformas, como

YouTube e Vimeo, o que levou alguns a ficarem indisponíveis depois de um tempo, pois foram retirados do local original. Sempre antes de escrevermos sobre um curta, buscávamos o contato dos realizadores (diretores ou produtores) para saber sobre o interesse em participar e para o fornecimento de informações sobre o curta, para que pudéssemos ter referências para a pesquisa e a escrita, e para a disponibilização de imagens para serem usadas nas peças de divulgação, criadas pela equipe de Comunicação da FCS e divulgadas através das redes sociais, como Instagram e Facebook. Para cada rede era produzido um formato específico de imagem.

Figura 9 – Exemplo de conteúdo da publicação do Cineminha On-line (Parte 1).



Um brinquedo, muitas brincadeiras!

Um simples objeto, quando compartilhado, pode unir pessoas? "Bola de Trapos", indicação do Cineminha On-line desta semana, traz uma dica para responder essa pergunta. Assista:

Bola de Trapos
Carlos Avalone

Para acessar a versão do filme com audiodescrição, [clique aqui](#).

Ficha técnica
 Filme: Bola de trapos
 Local: SP, Brasil
 Ano: 2017
 Duração: 4 minutos
 Direção, roteiro, desenho dos personagens, storyboard, animatic, arte do cenário e animação: Carlos Avalone
 Música: Happy Bossa Nova, por Studio Le Bus

Para refletir:
 O curta-metragem que assistimos começa com um menino e uma menina brincando tranquilamente com uma bola de trapos. Logo depois, outro menino chega exibindo uma bola de couro, deixando as duas crianças encantadas e interessadas em brincar também. Mas o menino não quer saber de dividir sua bola de couro e fica brincando sozinho com ela, até que algo triste acontece. E o que resolve a situação? A solidariedade das primeiras crianças, que ficam comovidas e resolvem ajudar o menino a ter sua bola de volta. No fim, todos acabam brincando juntos, o que é bem mais divertido! "Bola de Trapos" nos mostra que mais importante do que ter brinquedos novos ou caros é ter com quem dividi-los, ter amigos com quem você possa brincar junto. Além disso, brinquedos feitos pelas próprias crianças, como é o caso de bola de trapos, podem ser tão ou mais interessantes do que brinquedos comprados prontos.

Fonte: *Print screen* de página do Cineminha On-line, no site da FCS.

Figura 10 – Exemplo de conteúdo da publicação do Cineminha On-line (Parte 2).

Curiosidades:
 Você já brincou com uma bola de trapos? A bola de trapos ou bola de meia é um brinquedo popular, que ainda faz parte de infância de muitas pessoas. Pode ser feita com jornal amassado ou com retalhos enrolados por meias ou meias-calças, até formar uma bola do tamanho desejado, e pode ser usada em diferentes jogos e brincadeiras. Além de proporcionar muita diversão, é uma forma de reutilizar meias velhas, furadas ou sem par, o que aumenta a vida útil desses materiais. De tão importante, esse brinquedo já foi até tema de música. "Bola de Meia, Bola de Gude", escrita por Milton Nascimento e Fernando Brant, fala da relação dos adultos com sua infância, com a criança que um dia eles foram. A letra também aborda outros temas que aparecem no curta "Bola de trapos", como a importância da amizade, da bondade e da solidariedade.

Leia, abaixo, alguns trechos ou [clique aqui](#) para escutar a música, na versão de Milton Nascimento:

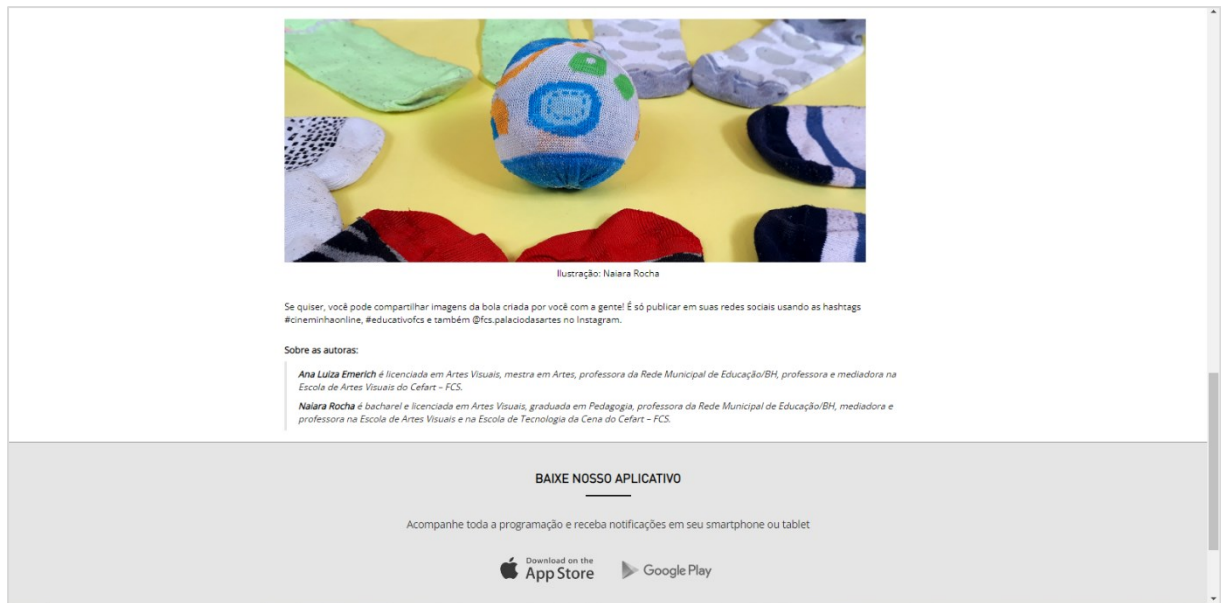
"Há um menino
 há um moleque
 morando sempre no meu coração
 toda vez que o adulto balança
 ele vem pra me dar a mão
 [...]
 E me fala de coisas bonitas
 que eu acredito que não deixarão de existir
 amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor
 Pois não posso, não devo, não quero
 viver como toda essa gente insiste em viver
 E não posso aceitar sossegado
 Qualquer sacanagem ser coisa normal
 Bola de meia
 bola de gude
 o solidão não quer solidão
 toda vez que a tristeza me alcança
 o menino me dá a mão"

Atividade:
 Que tal fazer uma bola de meia para brincar com os amigos e familiares? Com uma meia, materiais para fazer o enchimento da bola (papel amassado, retalhos de tecido ou outras meias) e seu fechamento (agulha e linha) já se pode criar um objeto para muitas brincadeiras. Dá para brincar, por exemplo, de tentar acertar a bola em uma cesta improvisada ou em um gol imaginário, ou, ainda, passá-la rapidamente de um para o outro com os pés ou as mãos.

Para produzir uma bola de meia não tem segredo! Coloque o enchimento escolhido dentro da meia, torça-a para deixá-la no formato de uma esfera e vá virando o que restou da meia ao avesso, pra lá e pra cá da bola, até que só reste as pontas. Com a ajuda de um adulto, costure as pontas para manter o enchimento protegido dentro da bola, deixando-a mais resistente. Agora, pronto, é só brincar e se divertir bastante!

Fonte: *Print screen* de página do Cineminha On-line, no site da FCS.

Figura 11 – Exemplo de conteúdo da publicação do Cineminha On-line (Parte 3).



Fonte: *Print screen* de página do Cineminha On-line, no site da FCS.

Figura 12 – Peças gráficas feitas pela equipe de Comunicação para divulgação pelo Instagram da FCS.



Fonte: *Instagram* da FCS.

A repercussão do projeto Cineminha On-line foi positiva, recebendo muitos elogios dentro e fora da FCS. Em comparação à mediação realizada pelo Cine Escola, podemos dizer que o Cineminha On-line alcançou um público diferente, visto que um atendia majoritariamente o público escolar, de forma presencial, e o outro aconteceu de forma remota, sendo acessado por um público espontâneo, em regiões distintas. No entanto, faltam parâmetros para compará-los, pois o acesso às publicações não foi monitorado individualmente, em termos quantitativos,

muito menos qualitativos. As poucas informações que foram divulgadas se referem ao acesso às publicações do Educativo On-line como um todo, disponibilizadas nos Relatórios de Gestão da FCS de 2020⁸, que informam que houve mais de 7100 visualizações nas 88 publicações realizadas pelos 4 eixos, ao longo do ano de 2020. No entanto, é impossível saber quantas dessas visualizações de fato se constituíram em experiências significativas, de leitura, reflexão e apreensão do conteúdo.

Figura 13 – Página do Relatório de Gestão 2020 da Fundação Clóvis Salgado.



Fonte: Site da Fundação Clóvis Salgado.

Nas publicações, incentivávamos que as pessoas compartilhassem imagens do que era criado a partir das propostas em suas redes sociais, utilizando hashtags (#cineminhaonline e #educativofcs) e marcando o perfil da FCS (@fcs.palaciodasartes no Instagram). Porém, foram poucas as ocasiões em que isso aconteceu, sendo as hashtags usadas mais nas publicações feitas pela própria FCS. Por mais que escrevêssemos pensando em atingir as crianças, ou os adultos que as acompanham e leriam a proposta para elas após assistirem ao curta, não sabíamos se de

⁸ Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/RelatorioFCS-2020-alta-1.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.

fato isso estava acontecendo. Recebemos alguns relatos de professoras que disseram acompanhar e gostar das publicações, que davam a elas ideias do que fazer durante suas aulas.

No Cine Escola eram utilizados formulários de avaliação que eram preenchidos pelos professores ou responsáveis pelos grupos após as visitas, em que podiam relatar o que achassem importante, deixando sugestões, elogios ou reclamações. Com o Cineminha On-line, percebi a falta de um espaço para contato mais próximo com o público, em que pudessem nos dar um retorno direto. Uma outra observação é o fato de que, por mais que tivéssemos autonomia na criação do conteúdo, para definir os temas e os curtas escolhidos, o processo até ele ser publicado era um pouco longo, pois passava por vários setores dentro da instituição. O texto e as imagens eram enviados para a equipe de Comunicação, que revisava o texto, criava as peças gráficas, as divulgava nas redes sociais e fazia a diagramação do conteúdo para a publicação no site. Nesse processo enfrentamos certa dificuldade, por não podermos experimentar formatos, já que a estrutura do site é bem engessada, o que acabou também padronizando a forma como pensávamos e estruturávamos os elementos da publicação.

Um ponto positivo trazido pelo formato do Cineminha On-line foi a possibilidade de aprofundamento nos temas trazidos pelos curtas através do trabalho de pesquisa, o que era difícil de desenvolver na visita presencial devido às limitações de tempo. Por mais que o projeto do Educativo On-line esteja agora em uma pausa, os conteúdos seguem disponíveis para quem quiser acessá-los e se constituem em um importante material para quem busca conhecer mais sobre a arte em diversos aspectos. O acervo de curtas-metragens levantado pelo Cineminha On-line, para além de poder ser desfrutado diretamente pelo público infantil, também pode ser apropriado por educadores que querem desenvolver um trabalho com a linguagem cinematográfica.

3 CAPÍTULO 2 – ILUMINANDO O CAMINHO: DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO, MEDIAÇÃO CULTURAL E CINEMA

Neste capítulo, pretendo situar a pesquisa e seus fundamentos e fazer um levantamento de referências que perpassam as áreas da educação, do ensino/aprendizagem de arte e da mediação, como Paulo Freire e Ana Mae Barbosa, assim como autores que abordam as contribuições do cinema para a educação, como Alain Bergala e Adriana Mabel Fresquet, dentre outros.

Em primeiro lugar, é importante demarcar que tipo de pesquisa está sendo apresentada aqui. REY (2002) trata de duas diferentes linhas de pesquisa em artes visuais: a pesquisa sobre arte (ou sobre ensino/aprendizagem de arte) e a pesquisa em arte (ou em ensino/aprendizagem de arte). A primeira diz respeito ao que já foi feito, como um produto finalizado, refletindo sobre obras acabadas, fatos históricos, teorias de estudiosos da área etc., com ênfase na História, Teoria e Crítica da Arte ou de seu ensino. Já a segunda, com ênfase nas Poéticas Visuais, tem seu objeto de estudo situado no presente, pois ele ainda está em curso, em andamento, sejam os processos que envolvem a produção de uma obra artística ou os processos de ensino/aprendizagem. No caso da pesquisa em arte, o pesquisador é ao mesmo tempo um criador, ou seja, pesquisa enquanto produz, investiga sua própria prática e o que surge dela. Na pesquisa em ensino/aprendizagem de arte tem-se ainda uma terceira tarefa, a de ensinar. Assim, seguindo essa linha de pensamento, o professor de arte pode ser visto como um artista/pesquisador/professor. Ele não necessariamente precisa ser um artista consagrado, que participa de exposições, por exemplo, mas o fato de, ao pensar suas práticas, colocar a mão na massa, experimentar, investigar, testar materiais, técnicas e procedimentos, já o aproxima do fazer do artista. Além disso, a pesquisa é uma atividade constante na vida de qualquer bom professor, pois ela fundamenta e alimenta suas ações. Assim, este trabalho, cuja metodologia pode ser definida como pesquisa de campo, se qualifica como pesquisa em ensino/aprendizagem de arte, pois nela busco unir teoria e prática, participando da construção de meus objetos de estudo ao mesmo tempo em que desenvolvo a pesquisa, me assumindo enquanto artista-professora-pesquisadora.

Dito isso, também é imprescindível destacar que as concepções de educação, ensino/aprendizagem e de mediação do conhecimento, adotados neste trabalho são embasadas a partir de teorias críticas, que consideram que o processo educativo envolve necessariamente uma relação com o outro e que o conhecimento provém dessa relação, de troca mútua. Sendo

assim, o conhecimento não é transferido, de maneira unilateral, de um ser que sabe mais para um que sabe menos, mas é construído. Paulo Freire aponta que:

ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (FREIRE, 2011b, p. 96)

Contrária à educação bancária, que envolve uma relação unilateral, em que o educando é visto como um “cofre vazio”, no qual o professor deposita o conhecimento, Freire fala de uma prática libertadora ou problematizadora, que procura construir uma relação dialógica e de trocas entre aquele que ensina e aquele que aprende.

Em uma perspectiva tradicional, o professor é considerado o único detentor do conhecimento, que seria repassado aos alunos, mas esse tipo de atuação já há algum tempo vem sendo questionada, buscando-se considerar as diversas formas, locais e meios em que o ensino/aprendizagem pode se dar, valorizando também os diversos sujeitos envolvidos nesse processo.

Ana Mae Barbosa, no texto “Mediação cultural é social”, nos diz que o conceito de educação como mediação vem sendo construído ao longo dos séculos e que, a partir do século XX, as teorias socioconstrutivistas passam a considerar o professor como um mediador do conhecimento, aquele que estimula as relações dos aprendizes com o mundo (BARBOSA, 2009). Para ela, “a arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre a arte e o público” (BARBOSA, 2009, p. 13). Quando se pensa em arte/educação e em mediação cultural, geralmente se consideram experiências educativas realizadas em espaços não formais, como museus ou galerias de arte, em que se tem a figura do arte/educador ou mediador como aquele que faz a mediação entre a arte e o público, promovendo a aproximação e o diálogo entre eles. No entanto, também podemos pensar que essa é a tarefa do professor de Arte na escola, no ambiente formal, atuando como um mediador em relação aos estudantes.

Cabe aqui um parêntese para diferenciar o que se pode entender como educação formal, informal e não formal, categorias que foram objeto de estudo da professora e pesquisadora Maria da Glória Gohn e podem ser assim resumidas, de acordo com o que é apresentado em GOHN (2010):

- FORMAL: aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos sistematizados, regulamentados e normatizados por leis. Pressupõe ambientes normatizados, com

regras, legislações, padrões comportamentais, perfil do corpo docente e metodologias definidos previamente.

- **NÃO FORMAL:** aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos. Não é organizada por séries/idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo; desenvolve laços de pertencimento; ajuda na construção da identidade coletiva do grupo.
- **INFORMAL:** aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube, meios de comunicação de massa etc.). Incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir de práticas e experiências anteriores, usualmente é o passado orientando o presente. Atua no campo das emoções e sentimentos.

Ainda segundo GOHN (2010), a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) abriu caminho institucional aos processos educativos que ocorrem em espaços não formais, ao definir em seu Artigo 1º que: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

Vale dizer que a educação não formal também é um processo interativo intencional e em hipótese alguma substitui ou compete com a educação formal/escolar, o ideal é que sejam complementares (GOHN, 2010). Ou seja, a escola não é e nem deve ser a única instituição responsável pela tarefa de educar, mas pode e deve buscar parcerias, construindo laços com outros locais e grupos que promovam experiências educativas não formais. Nesse sentido, é importante que os professores de Arte, considerando a diversidade de linguagens artísticas e a impossibilidade de a escola dar conta de todas elas, busquem oferecer aos alunos experiências diversas também fora do ambiente escolar, estendendo a sala de aula para espaços como museus, galerias, oficinas e ateliês de artistas, salas de cinema, teatros etc.

Para Ana Mae Barbosa,

Arte/Educação é a mediação entre arte e público e ensino da Arte é compromisso com continuidade e/ou com currículo quer seja formal ou informal. [...] Hoje, a aspiração dos arte/educadores é influir positivamente no desenvolvimento cultural dos

estudantes por meio do conhecimento de arte que inclui a potencialização da recepção crítica e a produção. (BARBOSA, 2010, p.98)

Feitas essas considerações, voltarei agora ao objeto de análise desse trabalho, que é o cinema, linguagem artística que transita com certa liberdade entre os espaços educativos formais, não formais e informais, já que pode tanto ser apropriado pelos professores em suas aulas, quanto fazer parte de atividades que visam a formação de público, como cineclubes, além de também estar presente no cotidiano das pessoas, em maior ou menor escala. Apesar dessa presença, enquanto educadores é importante questionar como o cinema tem feito parte da vida de nossos alunos, a que tipo de produções eles têm tido acesso, como se relacionam com as imagens a que assistem, que reflexões elas têm gerado etc.

No artigo *Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem* (LEANDRO, 2001), Anita Leandro trata da importância das imagens, tanto quanto o texto escrito, para a cognição, para a construção de conhecimento e estímulo ao pensamento, constituindo uma pedagogia própria. Ao mesmo tempo em que as imagens têm sido mais assimiladas pela área da educação, a autora diz que ainda falta uma reflexão teórica mais aprofundada e crítica sobre essas imagens, que deveriam ser usadas para provocar questionamentos éticos e estéticos. Segundo ela,

Com o desenvolvimento da tecnologia do vídeo, a imagem tem sido cada vez mais amplamente assimilada pela educação, sem a contrapartida de uma reflexão teórica mais aprofundada e de uma práxis mais consequente dessa mesma imagem. (LEANDRO, 2001, p. 31)

A autora discorre sobre os equívocos que são cometidos no uso do cinema em situações pedagógicas, como quando os filmes são usados simplesmente para ilustrar determinado conteúdo ou como meio para o estudo de outras áreas, sem que se discuta a própria linguagem cinematográfica e suas potencialidades. Assim, ela defende a incorporação do audiovisual na educação como objeto de estudo, sem compromisso com outro discurso exterior a ele:

[...] ao incorporarmos o audiovisual na educação, nosso objetivo não deve ser a aquisição ou a confirmação de um método definitivo, mas a sua (re)construção permanente, em parceria com o objeto de estudo, e só com o objeto, sem o compromisso apriorístico com nenhum discurso que lhe seja exterior, nem mesmo o discurso pedagógico. (LEANDRO, 2001, p. 33)

No texto *Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman Feldman* (FRESQUET, 2008), Adriana Fresquet apresenta as experiências dos dois autores trazidos no título, um da França e a outra da Espanha, que segundo ela são exemplos de como trabalhar o cinema no contexto escolar com qualidade. Alain Bergala, cineasta e professor universitário, no ano 2000 foi convidado pelo então ministro de Educação da França, Jack Lang, para desenvolver uma proposta de cinema, cujo objetivo era desenvolver as artes e a cultura nas

escolas públicas do país, plano conhecido como o “Plano de Cinco Anos para as Artes e a Cultura” (*Le Plan de Cinq Ans pour les Arts et la Culture*). Bergala defende a importância de o cinema, enquanto experiência artística sensível, ser vivenciado logo na infância, pois isso permite que ele crie uma marca na memória afetiva pessoal, que mais tarde é mais difícil de acontecer. Para ele, o professor pode ajudar os alunos a se tornarem tanto espectadores criativos quanto realizadores. Núria Aidelman Feldman, também realizadora cinematográfica e professora, que foi orientada em sua pós-graduação por Alain Bergala, por sua vez criou o projeto *Cinema em curs*, que introduz a criação cinematográfica nas escolas, considerando o cinema como arte e como forma de se relacionar com o mundo, propondo ainda uma transformação do modo de aprender tradicional e a hierarquia entre quem ensina e quem aprende, pois a prática de fazer cinema, que é um processo compartilhado, coloca todos em situação de aprendizagem. A ligação de Bergala e Feldman se estende para seus projetos, que apesar de distintos possuem atividades e ideias em comum.

No livro *A hipótese-cinema* (2008), Alain Bergala descreve como foi desenvolver o Plano já citado e a importância que isso representou para ele, considerando que sua própria aproximação com o cinema se deu ainda na infância. Essas primeiras experiências foram fundamentais e marcantes para ele e o cinema depois viria a se tornar parte não só de sua vida pessoal como também de sua vida profissional, dividida entre atividades de ensino, escrita, direção de filmes e transmissão, resultando no compromisso que ele mantém com a formação de pessoas a partir do cinema. Me identifiquei bastante com alguns dos relatos de Bergala, especialmente quando ele fala, de forma muito poética, sobre suas instâncias salvadoras na infância, a escola e o cinema:

Todos aqueles para os quais o cinema contou na vida, não como um simples passatempo, mas como um elemento essencial de sua constituição, e que souberam bem cedo que seria a esta arte que dedicariam, de uma maneira ou de outra, a sua vida, têm em mente uma autobiografia imaginária que é a de sua vida de cinema. No meu romance pessoal, fui salvo duas vezes: pela escola e pelo cinema. (BERGALA, 2008, p.13)

No segundo capítulo do livro, Bergala trata da tal hipótese apresentada em seu título, que seria a do cinema, ou da arte na escola de modo geral, como encontro com a alteridade. Para ele, a arte não pode depender unicamente do ensino ou ser limitada a uma disciplina, dada por um professor especialista, mas ser um elemento perturbador dentro da instituição. Considerando a necessária e importante contribuição da arte em geral e do cinema em particular na educação dos sentidos, no desenvolvimento da percepção, da capacidade crítica e criativa, Alain Bergala discute o papel da escola em proporcionar o contato com o cinema e se ela daria conta dessa responsabilidade.

Finalmente, a única questão de fundo que realmente vale a pena ser colocada é a seguinte: será que uma instituição como a Educação nacional pode acolher a arte (e o cinema) como um bloco de alteridade? [...] Este trabalho cabe à escola? Tem ela condições de fazê-lo? Uma resposta se impõe: a escola, tal como funciona, não foi feita para esse trabalho, mas ao mesmo tempo ela representa hoje, para a maioria das crianças, o único lugar onde esse encontro com a arte pode se dar. Portanto, ela deve fazê-lo, ainda que sua mentalidade e seus hábitos sofram um pequeno abalo. (BERGALA, 2008, p.32)

Apesar de em sua obra o autor refletir sobre o sistema educacional da França, pode-se traçar paralelos com a realidade brasileira. Ao mesmo tempo em que se entende a importância da participação da escola na formação cinematográfica das novas gerações, é preciso reconhecer os grandes desafios que a escola pública brasileira enfrenta, especialmente nos dias atuais, em que lida com tantas demandas. Assim, apesar de Bergala afirmar que “se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para as quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar nenhum” (BERGALA, 2008, p.33), esse encontro não necessariamente precisa acontecer no espaço da escola e como sua inteira responsabilidade. Ela pode buscar a colaboração de outros espaços, não formais, e de outras instâncias de socialização que a auxiliem nesse trabalho de formação artística e cultural. As sessões realizadas pelo Cine Escola e, antes, pelo Projeto Cineminha, cumpriam esse objetivo e representavam para muitas crianças também o primeiro contato com uma sala de cinema e com uma tela em grande formato.

A mediação no cinema (espaço físico), embora ainda não tão comum, pode ser pensada a partir do mesmo princípio da mediação feita em espaços culturais como museus e galerias de arte. O mediador ou arte/educador, em ambos os casos, deve se mostrar empático e sensível à realidade do público, buscando alinhar as suas expectativas, o seu repertório e o seu planejamento com as expectativas, necessidades e desejos do público. Em outras palavras, não basta somente oferecer acesso ao cinema como arte sem relacioná-lo com a realidade dos sujeitos e sem estabelecer um diálogo verdadeiramente horizontal. A abordagem adotada pela mediação deve se situar, como já foi dito, dentro de uma perspectiva libertadora, não ingênua, mas crítica, que provoque nos estudantes uma tomada de consciência de sua realidade social, situada no tempo e no espaço, para que se entendam e se assumam enquanto sujeitos de ação e possam transformar seu mundo. De acordo com Freire,

A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser, também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito. (FREIRE, 2011a, p. 52)

Assim, a educação e a mediação a partir do cinema também precisam ter em vista a libertação dos sujeitos, buscando promover a autorreflexão e a criticidade por meio dessa linguagem.

Em *Cinema e educação: o diálogo de duas artes* (LOPES, 2013), o autor José de Sousa Miguel Lopes trata sobre a importância da arte no desenvolvimento integral do ser humano e sobre como sua presença na educação favorece o encontro da identidade pessoal e a formação de cidadãos conscientes, críticos e participativos. Sobre o cinema na sala de aula, o autor diz que é imprescindível pensar como ele pode ser usado primeiramente como ferramenta de reflexão crítica, mas também como o cinema pode despertar o interesse pelo estudo. Para isso, é importante aprender a ver cinema, ensinar sua linguagem própria ou, em outras palavras, promover uma alfabetização cinematográfica, fazendo a passagem de espectador passivo para espectador crítico ou até mesmo criador autêntico, que manifesta através do cinema suas ideias, opiniões e desejos.

A introdução da linguagem cinematográfica nas escolas possibilitará uma nova dimensão ao espaço mental dos alunos. Daí necessidade de existir uma aprendizagem do cinema no campo educacional, uma verdadeira alfabetização cinematográfica. Esta alfabetização deveria começar logo no ensino fundamental, mas nunca é tarde para que ela possa ser introduzida em níveis mais elevados do sistema educacional. É hoje impraticável conceber um jovem que não saiba ler e escrever os caracteres da sua língua materna que lhe darão acesso a controlar, compreender e usar a linguagem. Hoje em dia, a imagem em movimento, nas suas várias vertentes, do computador à televisão passando pelos jogos interativos e partindo do cinema, povoam o cotidiano e o imaginário de todos nós e particularmente dos jovens, pelo que será impraticável no curto prazo não saber ler e escrever a linguagem da imagem em movimento, que tem as suas características próprias, como todas as linguagens, de que se salienta a versatilidade e a novidade.

[...]

É neste quadro que o ensino-aprendizagem do cinema e da linguagem cinematográfica tem pertinência, permitindo vitalizar a aquisição de conhecimentos, potenciar formas de expressão, desenvolver o juízo crítico. (LOPES, 2013, p.8-9)

Um último aspecto que gostaria de ressaltar é em relação à escolha ou curadoria dos filmes a serem exibidos, seja nos espaços formais ou não-formais. De acordo com CURY, “o conceito de curadoria foi se alterando no decorrer do tempo e, mesmo hoje, há diferentes concepções em lugares, instituições, regiões ou países diferentes” (CURY, 2009, p.32). Ainda em Cury, é apresentada uma concepção que amplia o papel de curador para todos os envolvidos na cadeia operatória em torno de um objeto museológico, ou seja, são curadores todos aqueles que participam do processo curatorial:

As ações do processo curatorial são: formação de acervo, pesquisa, salvaguarda (conservação e documentação museológica), comunicação (exposição e educação). Apesar de ser cadeia operatória, não deve ser entendido como sequência linear, o que o caracterizaria como estrutura estática, mecânica e artificial. Ao contrário, uma visão cíclica seria a melhor representação do processo, visto a interdependência de todos os

fatores entre si e a sinergia que os agrega e que agrega valor dinâmico à curadoria. Se um museu deve ser dinâmico, igualmente deve ser o processo curatorial. (CURY, 2009, p.33)

Já para MARTINS,

Curadoria, do latim *curator*, significa tutor, ou seja, aquele que tem uma administração a seu cuidado, sob sua responsabilidade. Assim, “o curador de qualquer exposição é sempre o primeiro responsável pelo conceito da mostra a ser exibida, pelas escolhas das obras, da cor das paredes, iluminação, etc.”, como afirma Tadeu Chiarelli (1998, p. 12). Assim como no espaço expositivo, os educadores também são curadores nas salas de aula; ativam culturalmente as obras. Estarão cientes, entretanto, de suas escolhas? (MARTINS, 2011, p.313)

A curadoria ou processo curatorial, portanto, envolve seleções, recortes, combinações: enquanto escolhe-se certas coisas, exclui-se tantas outras, com base em critérios variados. Ao considerar a curadoria de forma ampliada, é possível dizer que o mediador ou professor, ao escolher recursos, obras ou objetos de conhecimento para suas aulas ou propostas de mediação, realiza um processo de escolha, atravessada por vários aspectos, assim como um curador seleciona obras para uma exposição, promovendo relações e diálogos entre essas obras.

No texto *Curadoria educativa de mostras cinematográficas em escolas públicas* (NOVA; GUERREIRO, 2015), os autores João Luiz Leocadio da Nova e Alexandre Silva Guerreiro (ambos doutores pela UFF) apresentam como o conceito de “curadoria educativa” (cunhado por Luis Guilherme Vergara, em 1996), originalmente aplicado a espaços museais, pode ser aplicado ao ato exercido por professores em sala de aula. O texto relaciona os conceitos de mediação e curadoria, apresentando o curador de arte, assim como o mediador, também como alguém que tece um elo entre obra e público, propondo reflexões e o desenvolvimento de novos olhares a partir do recorte de obras escolhido. No ambiente escolar, teríamos a figura do professor se aproximando tanto do mediador quanto do curador (dos conhecimentos em questão), pois ele realiza escolhas e atua como conector entre obras e público (os alunos).

Pensando na “curadoria educativa” especificamente voltada ao cinema, envolvendo a escolha e a exibição de filmes, é relatada a experiência dos alunos de cinema e audiovisual no curso “Curadoria e Planejamento de Mostras Cinematográficas”, que tiveram que colocar em prática essa função, criando uma proposta de curadoria para escolas públicas de Niterói. Em relação às mostras de cinema na escola, os autores falam da importância não só da escolha dos filmes, que devem privilegiar um recorte fora do circuito hegemônico, quanto da mediação educativa, pois o público escolar, diferente do público cinéfilo, frequentador de salas de cinema e circuitos de festivais, não tem o hábito de ver o chamado cinema de arte, mas é importante que seja

apresentado a ele e que esses filmes sejam debatidos. Essa experiência permite que o cinema na escola seja potencializado, fugindo do lugar-comum.

Segundo os autores,

A ideia de mediação está no cerne do conceito de curadoria. Ainda que o senso comum aponte para outra direção, o curador não é aquele que detém o saber, um conhecimento superior, mas antes, é alguém que se coloca entre a obra e o público com o intuito de tecer um elo, propor uma reflexão, desenvolver um olhar novo diante de um conjunto de obras.

Nesse sentido, o curador é alguém que ressignifica a obra de arte através da sua mediação, do seu recorte, do seu olhar. Esse papel vem sendo desenvolvido na contemporaneidade, ganhando novos contornos. (NOVA; GUERREIRO, 2015, p.548)

Assim, encerro com algumas reflexões, que pretendo desenvolver no capítulo seguinte: o que levar em consideração ao escolher um filme para ser exibido em contexto educativo? Quais critérios podem ser adotados? O que se quer provocar com essa escolha? Que tipo de produção geralmente é exibida nas escolas? Por que certas produções são privilegiadas em detrimento de outras? Curtas-metragens são ferramentas que podem contribuir para o processo de ensino/aprendizagem?

4 CAPÍTULO 3 – CURTAS-METRAGENS COMO JANELAS PARA COMPREENDER O MUNDO: ENTRE A SALA DE AULA E A SALA DE CINEMA

4.1 Além da tela: os desafios do trabalho com o cinema na Educação Formal

A linguagem imagética, em suas várias naturezas, se faz cada vez mais presente na vida contemporânea. Por isso, é fundamental estimular a leitura crítica de imagens e entender o poder que elas possuem, tendo como objetivo, para além da apreciação estética, um compromisso ético, político e social. As imagens também têm o potencial de promover novas compreensões de mundo, valores e comportamentos. O cinema, localizado dentro do campo da imagem técnica, com sua linguagem própria, é um campo privilegiado de representação e construção de sentidos, de realidades e de identidades, tendo assim uma grande contribuição na promoção de uma educação crítica do olhar, seja em experiências educativas em espaços não formais, como as realizadas pelo Cine Escola e Cineminha On-line, seja em espaços formais de educação.

GINO (2009) discute a importância da inserção do cinema, do vídeo e das artes audiovisuais na escola e o seu papel na inclusão e inserção cultural dos estudantes em um mundo cada vez mais midiático e globalizado. Segundo o autor,

[...] é necessário que os alunos aprendam a lidar com o discurso audiovisual, como uma maneira de se atualizarem frente à crescente demanda dos novos conceitos visuais, como o formato digital, a interação com a internet, o entendimento da produção e realização filmica e televisiva etc. Pode-se afirmar que o crescimento verificado na atualidade das artes audiovisuais representa uma forma diferenciada dentro do ensino, que possibilitará ao aluno entender e se expressar em várias mídias e estabelecer uma conexão contemporânea com a sociedade.

Nesse sentido, o ensino das artes audiovisuais nas escolas passará a ter um importante papel integrador e coletivo, que possibilitará sua interlocução com outras formas de expressão artística, podendo mesmo tornar-se um núcleo aglutinador de várias produções, juntamente com o teatro, a dança e a música, por exemplo. (GINO, 2009, p.44)

Considerando o cinema enquanto experiência estética, potencializadora do imaginário, do pensamento crítico e do conhecimento de distintas visões de mundo, cabe aqui refletir sobre como ele tem sido utilizado na educação formal, oferecida pela escola, e que tipo de filme vem sendo escolhido para ser exibido, para que se possa pensar em outras possibilidades.

Apesar das potencialidades já levantadas, o que se percebe na realidade de muitas escolas é a ausência, a incompreensão ou o não reconhecimento do cinema enquanto linguagem. Com frequência, temos o uso do cinema no contexto escolar como mero entretenimento e diversão, sendo utilizado como recurso em eventos especiais, como a Semana das Crianças. Ele também é tido como uma “carta na manga” para preencher horários vagos, ocupar tempos livres. Na

ausência de algum professor, por exemplo, é comum a utilização de filmes para ocupar o horário da aula, em condições de exibição questionáveis e, geralmente, de maneira descontextualizada. Outras vezes, o cinema é usado de forma puramente ilustrativa, como exemplificação de um conteúdo ou tema trabalhado em alguma disciplina, estando a serviço, portanto, de outra linguagem que não a sua própria, como pode ser visto também em GINO (2009):

[...] o produto audiovisual como articulador pedagógico nas escolas ainda está, na maioria das vezes, apenas relacionado com a mera apresentação ilustrativa de outras disciplinas dentro da sala de aula. Desse modo, explora-se apenas o caráter informativo da imagem em movimento, uma vez que seu uso ainda não é aplicado como forma de expressão artística própria ou como parte de um estudo exclusivo e de uma produção autônoma e independente. (GINO, 2009, p.43)

Em minha trajetória de formação discente e docente, me deparei com as situações apresentadas várias vezes. Durante o período da Educação Básica, que cursei integralmente em escolas públicas, entre as décadas de 1990 e 2000, foram poucas as vezes em que filmes foram utilizados de forma mais crítica e contextualizada pelos professores. Geralmente ainda estavam atrelados ao conteúdo estudado, especialmente das disciplinas de História e Geografia. Não me recordo de ter visto curtas-metragens em nenhum momento, apenas longas-metragens. Na realidade, o uso de recursos audiovisuais era bem raro nessa época, pois estou falando de um contexto em que ainda predominavam equipamentos como retroprojetores ou aparelhos de videocassete e, depois, de DVD, conectados a uma televisão de tubo. Projetores de vídeo, computadores e internet já são tecnologias posteriores que, mesmo com sua popularização, ainda não são acessíveis a todos.

Trarei agora dois relatos de experiências que ocorreram durante minha formação enquanto docente. Durante um dos meus estágios, em uma escola Municipal de Ensino Fundamental, em 2018, na época do curso de Pedagogia, algumas turmas de 5º ano (pelo que me lembro, 3) foram levadas para o auditório, durante um momento em que professores estavam em Conselho de Classe ou outra atividade parecida. Houve a exibição de um filme hollywoodiano de super-herói, escolhido aparentemente de forma aleatória. Essa foi uma das experiências mais caóticas que já presenciei: as turmas já chegaram agitadas, ninguém prestou atenção (os poucos que queriam, não conseguiram), não dava para ouvir nada do filme, pois estava uma gritaria generalizada, vários jogando bolinhas de papel, andando de um lado para o outro, colocando os pés nas cadeiras. As professoras que acompanhavam as turmas, sem conseguir controlar a situação, chegaram a interromper brevemente o filme, o que não surtiu muito efeito. Além disso, o filme começou a ser exibido em um horário já bem adiantado do dia em questão e foi

interrompido quando o sinal tocou encerrando as aulas, ficando sem ter seu final exibido (apesar de que não faria muita diferença naquela situação).

Em uma outra escola Municipal de Ensino Fundamental que eu também acompanhei, devido à falta de professores em um certo dia e ausência de outros para substituir, três turmas de 8º ano foram reunidas no auditório para assistir ao filme *Harriet – O Caminho para a Liberdade* (Dir. Kasi Lemmons, EUA, 2019), que conta a história da ativista política Harriet Tubman. Para começar, o filme tem 125 minutos de duração e a proposta foi de que ele ocupasse os dois últimos horários de aula, que tem 60 minutos cada (entre 15h20 e 17h20). Mas até que as turmas chegassem no auditório e se acomodassem nas cadeiras, muito tempo se passou, sendo impossível assistir ao filme completo. Assim, ele também ficou sem final. Antes da ida ao auditório, a Coordenação da escola passou para os alunos uma atividade de redação, entregue em folha impressa para todos, que deveria ser feita em casa e devolvida no dia seguinte para a professora de Língua Portuguesa, com tema relacionado ao Dia da Consciência Negra. No entanto, o objetivo da redação pareceu ser mais estimular os alunos a prestarem atenção ao filme, acreditando que com a tarefa eles ficariam quietos e concentrados assistindo, o que não aconteceu. Enquanto uma minoria tentava assistir, outros tantos conversavam, mexiam no celular (entre jogos e redes sociais), agiam de forma desrespeitosa, gritando, jogando bolas de papel, zombando de outros colegas etc. O filme não foi apresentado ou contextualizado previamente e poucos estavam gostando de estar ali. Quando o sinal bateu, ainda faltava mais de meia hora para acabar o filme e ele foi simplesmente pausado, com todos saindo alvoroçados. No dia seguinte, alguns perguntaram se o final do filme não seria exibido e outros comentavam que não tinham entendido nada. Pelo barulho que estava no local, era mesmo quase impossível ouvir perfeitamente a todas as falas (o filme era dublado). Nesse caso, uma legenda auxiliaria quem desejasse prestar atenção.

Esses dois relatos, de épocas e escolas distintas, têm muito em comum. Houve nos dois casos uma série de fatores que influenciaram os acontecimentos em questão, não contribuindo para proporcionar uma experiência satisfatória para a maioria, mas que acredito que podem ser resumidos na falta de uma curadoria mais cuidadosa, de uma reflexão mais atenta ao que se escolhe exibir em cada contexto, e na falta da mediação dos filmes, que foram simplesmente passados, de forma solta, sem uma conversa, seja antes ou depois.

Em relação às escolhas feitas, o primeiro ponto a ser considerado é a própria duração dos filmes, que extrapola o tempo que havia disponível e o tempo a que os estudantes já estão acostumados, dos intervalos entre um horário de aula e outro, da pausa para ir ao banheiro e tomar água ou

mesmo do tempo máximo de atenção e concentração que cada um dá conta de dedicar a uma única tarefa. Esta capacidade, inclusive, parece estar cada dia mais ameaçada na contemporaneidade, em que há um fluxo muito grande de informações e uma tendência ao consumo do que é mais instantâneo. É evidente que a capacidade de foco e atenção devem ser trabalhados, mas reunindo quase uma centena de crianças e/ou adolescentes em um espaço fechado e com as luzes apagadas, com inúmeras distrações e interesses outros (seja de ficar à toa, descansar, socializar, extravasar), sem motivações e preparo prévio, isso se torna quase impossível. A sensibilização estética é um trabalho constante, que deve ser feito gradualmente, e penso que iniciar em grupos menores e com períodos mais curtos seja bem mais proveitoso. Além da duração, percebo que se costuma exibir filmes que parte dos estudantes já tem acesso fora da escola, como *blockbusters hollywoodianos*. Me questiono: por que não aproveitar melhor o tempo, com outro tipo de abordagem e de produção?

Uma outra questão que se observa é a falta de preparo e de formação dos próprios docentes para lidar com o cinema enquanto linguagem. Não se trata de colocar a culpa nesses profissionais, já tão sobrecarregados pela falta de tempo, com uma jornada de trabalho exaustiva, excesso de turmas e de alunos por sala, o que dificulta imensamente seu trabalho. Caberia uma investigação sobre os currículos dos cursos de Licenciatura, se/como eles abordam o uso do cinema enquanto recurso pedagógico e sobre a existência de formações continuadas nessa área, no entanto, devido às limitações de tempo impostas por este estudo, não será possível aprofundar adequadamente nesse assunto. Em minha experiência acadêmica pude perceber que esse costuma ser um tema relegado a disciplinas eletivas e optativas apenas, não constituindo parte do currículo obrigatório, ao menos das licenciaturas que cursei, em Artes Visuais e Pedagogia.

Outros obstáculos à realização adequada de projetos envolvendo cinema e audiovisual que pude perceber na realidade de boa parte das escolas públicas com que tive algum contato estão relacionados à falta de estrutura para a exibição de filmes, seja no que se refere ao espaço físico, pois nem todas as escolas contam com auditórios, muito menos com cadeiras confortáveis, climatização e iluminação adequados, seja em relação aos equipamentos, que, quando existem, frequentemente são obsoletos e não recebem manutenção.

Em minha experiência atual enquanto professora de Arte da Rede Municipal de Educação/BH, por exemplo, não há projetores em todas as salas de aula, a maioria dos equipamentos é bem antiga e com péssima qualidade de imagem, a iluminação do ambiente e a falta de cortinas blecaute em algumas salas também fazem com que muitas vezes quase não se vejam as imagens projetadas. Há também outros problemas que afetam o cotidiano escolar, mais ligados ao

comportamento dos alunos e a convivência. Percebo uma frequência cada vez maior de situações de conflito na escola, de indisciplina e falta de respeito dos alunos em relação a colegas e professores, bullying/cyberbullying, agressividade e violência (física e verbal), somados ao desinteresse de grande parte dos alunos. Apesar disso, ou talvez até por isso mesmo, reconhecendo a arte e o cinema enquanto experiências potencialmente transformadoras, acredito que eles podem ajudar a atenuar alguns desses problemas e contribuir com uma formação mais integral e humanizada desses estudantes. É isso que pretendo discutir ao longo deste capítulo, com o objetivo de contribuir para um melhor uso do cinema, em especial no formato curta-metragem, na educação.

4.2 Sobre curtas-metragens e suas singularidades

Considerando todo o contexto e a análise já apresentados sobre o tema em questão, agora abordo as particularidades do formato cinematográfico explorado neste trabalho: o curta-metragem.

Um curta-metragem, também conhecido como curta, é um filme de pequena duração. Essa denominação remete diretamente à origem do cinema, quando suas imagens eram fixadas e projetadas através de um suporte físico, os filmes ou películas, geralmente de celulose. A palavra “metragem” surge da relação literal com a quantidade de metros de filme, que eram enrolados e armazenados em latas, utilizados nas produções, proporcionais à sua duração.

Embora não haja um consenso para o tempo máximo de um curta, a maioria das definições encontradas em minha pesquisa apresenta o tempo limite de 30 ou 40 minutos. O Dicionário Houaiss⁹, por exemplo, define curta-metragem como "filme com duração de até 30 minutos, de intenção estética, informativa, educacional e/ou publicitária, geralmente exibido como complemento de um programa cinematográfico". Festivais de cinema voltados a esse formato ou que possuem categorias específicas para curtas-metragens também apresentam suas definições próprias. Tomarei como exemplos dois deles, um internacional e um nacional. Para o Oscar, cujas regras são definidas pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos Estados Unidos, “um curta-metragem é definido como um filme original com duração de 40 minutos ou menos, incluindo os créditos”¹⁰. Já para o FestCurtasBH - Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte, segundo os critérios de inscrição apresentados em seu último edital, serão aceitos curtas-metragens “com até 45 minutos de duração, de todos os gêneros (exceto

⁹ Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1. Acesso em: 1 jun. 2023.

¹⁰ De acordo com as regras da 95ª Edição da premiação (em tradução livre). Disponível em: <https://www.oscars.org/oscars/rules-eligibility>. Acesso em: 1 jun. 2023.

filmes publicitários, institucionais, seriados e videoclipes), finalizados em película 35mm, 16mm ou em qualquer formato digital”¹¹.

Na Legislação brasileira, encontra-se em vigor a Medida Provisória 2.228¹², de 6 de setembro de 2001, que estabelece princípios gerais da Política Nacional do Cinema e a criação da Agência Nacional de Cinema (Ancine), entre outras providências, e na qual nos deparamos com a seguinte redação a respeito da classificação dos filmes de acordo com sua duração:

VII - obra cinematográfica ou videofonográfica de curta metragem: aquela cuja duração é igual ou inferior a quinze minutos;

VIII - obra cinematográfica ou videofonográfica de média metragem: aquela cuja duração é superior a quinze minutos e igual ou inferior a setenta minutos;

IX - obra cinematográfica ou videofonográfica de longa metragem: aquela cuja duração é superior a setenta minutos. (BRASIL, 2001)

Portanto, uma média bem menor do que o padrão apresentado anteriormente, mas que tem embasamento quando se faz um levantamento das legislações anteriores e se verifica a existência de uma lei que ficou conhecida como “Lei do Curta”, criada em 1975. Na realidade, esse nome faz referência ao artigo 13 da Lei Federal 6.281, de 09/12/1975¹³, que determinava a obrigatoriedade de inclusão de curtas-metragens nacionais na programação das salas de cinema brasileiras, a serem exibidos antes de longas-metragens estrangeiros. Essa lei, embora buscasse incentivar a produção de curtas-metragens nacionais e fazer com que essas produções alcançassem o público, foi cercada de polêmicas, sendo combatida e descumprida pelos donos de cinemas. Um dos argumentos¹⁴ era de que o público não era obrigado a ver algo que não escolheu assistir, mas fica o questionamento: quem escolhe assistir os trailers e os vários anúncios publicitários que antecedem os longas-metragens aos quais pagamos para ver nos cinemas ou mesmo nos intervalos televisivos? Enfim, nota-se que houve má vontade e boicote de quem temia perder lucros ao dividir a bilheteria com os produtores dos curtas ou perder tempo de exibição nas salas de cinema e que a lei, que continua em vigor, mas caiu em desuso, poderia ter sido melhor empregada.

¹¹ De acordo com o regulamento apresentado no EDITAL 01/2023, do 25º FestCurtasBH - Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte. Disponível em: https://www.festcurtasbh.com/_files/ugd/fc9f7b_56fd078c487d4b73930b1c48878565f2.pdf?index=true. Acesso em: 1 jun. 2023.

¹² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2228-1.htm. Acesso em: 1 jun. 2023.

¹³ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6281.htm. Acesso em: 1 jun. 2023.

¹⁴ RIBEIRO, Raquel Martins. *Lei que obrigava cinemas a exibirem curtas-metragens nacionais ainda divide opiniões*. Publicado em: 23/02/2016. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/viva/lei-que-obrigava-cinemas-a-exibirem-curtas-metragens-nacionais-ainda-divide-opinioes/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

Apesar de todo seu potencial, os curtas-metragens não encontram espaço nas salas de cinema comercial no Brasil, sendo restritos a determinados espaços e ocasiões, como festivais de cinema, canais e plataformas da internet, atingindo um público muito específico.

4.3 O que os curtas-metragens têm a ensinar?

Como já apresentado, a escola, como espaço de educação formal oficial, ganharia muito ao incorporar o uso da linguagem cinematográfica como um dos fundamentos para o desenvolvimento crítico do olhar nas novas gerações, não limitando a presença dessa linguagem somente às aulas de Arte. É possível utilizar o cinema para discutir vários temas, inclusive de forma interdisciplinar, possibilitando trabalhos conjuntos. Isso sem cair no conteudismo e sem deixar de valorizar o cinema enquanto linguagem autônoma.

Apesar da importância da presença das tecnologias e das mídias diversas na escola, ainda mais importante é promover um bom uso delas. As mídias, incluindo o cinema, são mediadoras por si só, mas isso não diminui a importância do papel do professor ou educador como um mediador ativo. Além de escolher e exibir o filme, o professor tem o poder de enriquecer a experiência dos estudantes, levantando questões, estimulando a reflexão crítica, estabelecendo relações com o cotidiano e a realidade dos estudantes, encorajando-os a ver o filme de maneiras diversas e expressar suas próprias opiniões em relação a ele, mostrando a existência de diferentes perspectivas e interpretações possíveis a partir de uma mesma obra. O professor também pode incentivar os alunos a analisarem elementos técnicos do filme, como os enquadramentos e ângulos utilizados em determinadas cenas, a fotografia, a trilha sonora, os figurinos, entre outros aspectos. Com isso, ele promove uma compreensão mais profunda da linguagem cinematográfica e aprimora a apreciação estética dos estudantes, apresentando-o como possibilidade de criação. Também permite que eles tenham conhecimento da diversidade de profissões e carreiras relacionadas ao cinema, apresentando-o enquanto campo de trabalho, o que pode despertar o interesse dos estudantes em serem não apenas espectadores, mas também potenciais criadores ou até mesmo futuros profissionais da área. Isso pode ser estimulado pelos professores através de experimentações criativas e a produção de curtas-metragens, o que permite a aplicação dos conceitos aprendidos na prática, exercitando ainda outras habilidades, como a comunicação, a criatividade e o trabalho em grupo, já que o cinema é uma arte coletiva, o que pode levar a uma melhor convivência em sala de aula.

Minha defesa pela utilização de filmes no formato curta-metragem leva em conta primeiramente sua duração, que permite adequá-los de forma mais fácil a diferentes situações. Considerando

que a duração média de uma aula é cerca de 50 a 60 minutos, nesse tempo é possível assistir e até reassistir um curta, discuti-lo ou mesmo promover alguma atividade relacionada. Um longa-metragem é frequentemente interrompido por ocorrências internas ou externas à sala de aula ou ao auditório. A duração dos curtas também facilita a manutenção da atenção plena e da concentração dos estudantes, especialmente das crianças mais novas, que têm esse tempo reduzido e se distraem mais facilmente.

Embora apresentem limitação em termos de duração, curtas-metragens podem ser tão complexos, profundos e significativos quanto longas-metragens. Seja através de narrativas completas e fechadas, com início, meio e fim, ou narrativas em aberto, deixando espaço para a imaginação do público preencher determinadas lacunas, os curtas permitem que a experiência cinematográfica seja vivida de forma breve, mas intensa.

Assim como os longas-metragens, curtas-metragens podem ter diversos propósitos e se apresentar nos mais diversos gêneros, com a utilização de múltiplos recursos e técnicas. Seja com um objetivo comercial, informativo, educacional ou experimental; como ficção ou documentário; drama, comédia, suspense, terror; animação ou *live action*; há curtas para todos os gostos! Nesse ponto, o professor tem a vantagem de poder selecionar curtas-metragens variados para trabalhar em uma sequência de aulas, ou mesmo exibir mais de um na mesma aula, discutindo e enfatizando essas diferenças. O contato com obras diversas, especialmente fora do circuito comercial, contribui com a ampliação do repertório imagético, artístico e cinematográfico dos alunos.

4.4 Alternativas para o trabalho com curtas-metragens na escola

Considerando a já citada lacuna na formação dos professores em relação ao cinema, é importante ressaltar que existem várias iniciativas que podem contribuir para que esse trabalho seja realizado de forma mais produtiva, tanto pelos próprios professores quanto por outros educadores e mediadores. Os projetos já apresentados no capítulo anterior têm esse objetivo.

A realização de visitas a espaços que oferecem sessões de cinema mediadas, ainda mais de forma gratuita e com qualidade de exibição, como é o caso do Cine Escola (antes Projeto Cineminha, agora FestCurtasBH.EducativoFCS) pode ser de extrema importância para uma escola que não dispõe de recursos para exibir filmes ou para um professor que deseja desenvolver um projeto sobre cinema, mas não sabe por onde começar. Além disso, a própria experiência de ver um filme em uma sala profissional de cinema é muito diferente de ver um filme na escola. No cinema, tudo é pensado para criar um ambiente envolvente, da tela grande

ao som imersivo, passando pela iluminação que ajuda a criar uma atmosfera de escuridão e foco na tela, que permita que os espectadores se transportem para a história de maneira única. Na escola, por ser um ambiente a que os alunos estão acostumados e que não dispõe das mesmas condições de exibição, não é possível replicar as mesmas sensações. É importante ressaltar a necessidade de cuidado na exibição das imagens, pois, em arte, imagem também é conteúdo.

As visitas mediadas também contribuem com a ampliação cultural, pois os estudantes terão a oportunidade de entrar em contato com curtas-metragens de diferentes gêneros cinematográficos, estilos e temáticas, com produções de lugares e culturas distintas em uma mesma sessão. Muitas dessas produções não são vistas facilmente, mesmo em tempos em que se encontra quase tudo nos streamings e canais como o *YouTube*, por se tratar de produções que ainda estão em circulação em festivais e mostras de cinema, tendo, portanto, seu uso mais restrito. Além disso, os alunos têm a chance de desenvolver habilidades de análise crítica, aprendendo a interpretar e refletir sobre os elementos presentes nas produções cinematográficas, e entram em contato com temas relevantes abordados pelos filmes, como questões sociais, políticas, éticas e culturais, que podem promover a conscientização e a empatia entre os alunos, através do compartilhamento de experiências e discussão sobre suas percepções e opiniões sobre os filmes.

Além das visitas presenciais, é possível que a escola, tendo condições de realizar exibições de cinema, queira desenvolver ou dar continuidade a projetos em seu próprio ambiente. Nesse caso, é necessário se pensar na curadoria e mediação dos curtas-metragens a serem exibidos, o que pode ser facilitado com a colaboração de plataformas on-line que disponibilizam curtas-metragens para exibição gratuita, como é o caso do Cineminha On-line. Embora, como já dito, o projeto tenha sido direcionado ao público infantil espontâneo, professores e educadores, especialmente dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), encontram várias indicações de curtas-metragens e de temas que podem ser abordados a partir deles. Alguns temas encontrados incluem: questões ambientais, étnico-raciais e de gênero, bullying, emoções e sentimentos, além da própria linguagem do cinema, abordando aspectos mais técnicos. Na curadoria do Cineminha On-line nos preocupamos em selecionar exclusivamente curtas-metragens com classificação indicativa livre, produzidos em diferentes regiões do Brasil, abrangendo uma diversidade de técnicas e de estéticas. Essas obras são pautadas ainda por princípios éticos, que incluem o respeito às diferentes culturas, identidades e formas de existir no mundo, promovendo igualdade nas relações sociais, étnico-raciais e de gênero,

solidariedade, representatividade, inclusão e respeito ao meio ambiente, não sendo admitidas formas de preconceito, discriminação e atitudes antidemocráticas, por exemplo.

Algumas publicações do Cineminha On-line trouxeram como indicações inclusive curtas-metragens produzidos por estudantes de escolas públicas, em projetos como o “Luz, Câmera e Ação”¹⁵, realizado na cidade de Contagem (MG) e pensado pela bibliotecária Sheila Rodrigues para incentivar os alunos de uma escola a lerem mais, a escreverem suas próprias histórias e a soltarem a imaginação, fazendo cinema. Curtas como esses podem ser exibidos para que as crianças se vejam não apenas como protagonistas, mas como potenciais criadoras de filmes.

Dessa forma, mesmo que tenha sido interrompido, o projeto Cineminha On-line, tem potencial para ir além de seu objetivo inicial, já que suas publicações passam a constituir um acervo permanente que pode ser consultado e acessado por pessoas de vários lugares do mundo, podendo ser apropriado e utilizado por professores em ações nas escolas, com as necessárias adaptações.

¹⁵ Alguns dos curtas produzidos nesse projeto podem ser vistos nas publicações “E agora, o que faço com isso?” (Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/e-agora-o-que-faco-com-isso/>. Acesso em: 1 jun. 2023) e “Vamos reinventar essa história?” (Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/vamos-reinventar-essa-historia/>. Acesso em 1 jun. 2023).

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, buscou-se demonstrar a importância do cinema, especialmente em seu formato curta-metragem, como dispositivo de mediação do conhecimento, com grandes contribuições ao ensino/aprendizagem em arte e à educação de forma geral. Observou-se como os objetos de estudo, os projetos Cine Escola e Cineminha On-line, lidaram com esse formato em suas ações educativas. Conclui-se que ambos foram bem-sucedidos em utilizar curtas como ferramentas de mediação cultural, cada um à sua maneira.

Constata-se que os curtas-metragens, apesar de sua duração limitada, são totalmente capazes de envolver, emocionar e provocar reflexões nos espectadores. A utilização de curtas-metragens como ferramentas de mediação, seja em espaços educativos não formais ou formais, possibilita que os espectadores (estudantes ou público geral) sejam expostos a narrativas diversas, estilos cinematográficos variados, produções de diferentes culturas e sociedades e apresentação de temas relevantes, valorizando a diversidade e promovendo o respeito. É possível exibi-los em sequências e compará-los com mais facilidade do que no caso dos longas-metragens. A duração reduzida, característica desse formato de filmes, facilita esse processo e possibilita discussões e análises que ampliam o repertório cultural dos alunos, capacitando-os a se tornarem cidadãos críticos, participativos e capazes de compreender e interpretar o mundo de forma mais ampla e sensível. A brevidade dos curtas-metragens facilita a sua integração em atividades educativas, adaptando-se a diferentes tempos de aula e permitindo uma maior flexibilidade no planejamento e desenvolvimento das atividades. Assim, o uso de curtas-metragens se revela uma escolha pedagógica vantajosa, pois amplia as oportunidades de aprendizado e enriquece o processo de ensino-aprendizagem.

Percebeu-se o quanto a escola, enquanto espaço educativo formal oficial, pode se beneficiar de um maior envolvimento com a linguagem cinematográfica. Apesar das dificuldades observadas na implementação do uso do cinema nas escolas públicas, desde questões estruturais até a falta de formação dos educadores, é crucial que essas instituições busquem estimular a apreciação cinematográfica e a formação de um público crítico e interessado, que não consuma cinema apenas de forma passiva e acrítica. Isso pode ocorrer em parceria com outros espaços e experiências não formais, como os que foram apresentados. A escola pode tanto se organizar para realizar visitas presenciais mediadas ao cinema, como é a proposta do Cine Escola (agora FestCurtasBH.EducativoFCS), quanto realizar ações de exibição de curtas e debates no próprio espaço escolar, utilizando como ponto de partida plataformas on-line que indiquem e

disponibilizem curtas-metragens, como é o caso do Cineminha On-line, voltado ao público infantil. Apesar das publicações terem sido interrompidas, a página do projeto constitui um acervo de curtas-metragens diversos, acompanhados de propostas de atividade e reflexão, com grande utilidade tanto para o público geral quanto para educadores.

Além da importância da mediação para potencializar a experiência cinematográfica e promover a construção de conhecimento, uma descoberta fundamental deste estudo foi a importância da curadoria educativa, que se manifesta na seleção e mediação dos curtas-metragens. Através dessa prática, é possível escolher filmes que tenham relevância e que se alinhem aos objetivos educativos, garantindo uma experiência cinematográfica mais enriquecedora e coerente.

Por último, mostrou-se evidente que há um vasto campo a ser explorado no uso de curtas-metragens como dispositivos de mediação e construção de conhecimento. É importante ressaltar que as limitações de tempo inerentes a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) podem restringir a abrangência e a profundidade das análises realizadas. Dessa forma, sugere-se que pesquisas futuras sobre o tema explorem de maneira mais aprofundada aspectos que não puderam ser completamente abordados neste trabalho, ou mesmo abram caminho para novas perspectivas e abordagens. Assim, será possível obter uma compreensão mais completa e detalhada das potencialidades e desafios do uso de curtas-metragens na educação.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2010, p.98-112.
- BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: COUTINHO, Rejane Galvão; BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 13-22.
- BARBOSA, Dominick Lattuada Abreu. *Um encontro com o cinema: a atuação de arte-educadores no âmbito do Programa Cine Escola*. Belo Horizonte: UFMG, 2020. 35 f.: il. enc.
- BERGALA, Alain. *A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 1 jun. 2023.
- BRASIL. Medida Provisória nº 2.228-1, de 6 de setembro de 2001. Estabelece princípios gerais da Política Nacional do Cinema, cria o Conselho Superior do Cinema e a Agência Nacional do Cinema - ANCINE, institui o Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Cinema Nacional - PRODECINE, autoriza a criação de Fundos de Financiamento da Indústria Cinematográfica Nacional - FUNCINES, altera a legislação sobre a Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2228-1.htm. Acesso em: 1 jun. 2023.
- CURY, Marília Xavier. Museologia, novas tendências. In GRANATO, Marcus, SANTOS, Claudia Penha dos, LOUREIRO, Maris Lúcia (Org.). *Museus e Museologia: interfaces e perspectivas*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast_colloquia_11.pdf. Acesso em: 1 jun. 2023.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.
- FRESQUET, Adriana Mabel. *Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman Feldman*. 2008. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT16-4996--Int.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social*. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. 104p.
- LEANDRO, Anita. *Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem*. Revista Comunicação e Educação, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36974/39696>. Acesso em: 1 jun. 2023.

LOPES, José de Sousa Miguel. *Cinema e educação: o diálogo de duas artes*. SCIAS - Arte/Educação, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 2–14, 2013. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/scias/article/view/405/276>. Acesso em: 1 jun. 2023.

MARTINS, Miriam Celeste. *Arte, só na aula de arte?* Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9516/6779>. Acesso em: 1 jun. 2023.

NOVA, João Luiz Leocadio da & GUERREIRO, Alexandre Silva. *Curadoria educativa de mostras cinematográficas em escolas públicas*. XVIII Estudos de Cinema e Audiovisual Socine – Anais de Textos Completos – Fortaleza, 2014 – p. 547-553. Disponível em: [https://www.socine.org/wp-content/uploads/anais/AnaisDeTextosCompletos2014\(XVIII\).pdf](https://www.socine.org/wp-content/uploads/anais/AnaisDeTextosCompletos2014(XVIII).pdf). Acesso em: 1 jun. 2023.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (org.). *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4.) P. 123-140. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/529/2022/03/BRITES-Blanca_-TESSLER-Elida-org-O-meio-como-ponto-zero-Por-uma-abordagem-metodologica-da-pesquisa-em-artes-visuais.pdf. Acesso em: 1 jun. 2023.

APÊNDICE


LEVANTAMENTO DE CURTAS-METRAGENS – Cineminha On-line				
Nº	Data da postagem no site da FCS	Título do curta-metragem	Título da publicação no site	Link da publicação (Acesso em: 1 jun. 2023)
1	28/05/2020	Médico de Monstro	Você tem medo de quê?	https://fcs.mg.gov.br/voce-tem-medo-de-que/
2	04/06/2020	O Melhor Som do Mundo	Que som é esse?	https://fcs.mg.gov.br/que-som-e-esse/
3	11/06/2020	Paper	Animando em casa!	https://fcs.mg.gov.br/animando-em-casa/
4	18/06/2020	Disque Quilombola	Alô, quem fala?	https://fcs.mg.gov.br/alô-quem-fala/
5	25/06/2020	Aniversário e Castigo	Colocando a mão na massa!	https://fcs.mg.gov.br/colocando-a-mao-na-massa/
6	02/07/2020	Dono de Casa	Brincando do que quiser!	https://fcs.mg.gov.br/brincando-do-que-quiser/
7	09/07/2020	H2Obby	Desenho falado!	https://fcs.mg.gov.br/desenho-falado/
8	16/07/2020	O Menino Leão e a Menina Coruja	Uma escola diferente!	https://fcs.mg.gov.br/uma-escola-diferente/
9	23/07/2020	Os Flautistas de Contagem	E agora, o que faço com isso?	https://fcs.mg.gov.br/e-agora-o-que-faco-com-isso/
10	30/07/2020	Chapeuzinho Vermelho	Vamos reinventar essa história?	https://fcs.mg.gov.br/vamos-reinventar-essa-historia/
11	06/08/2020	Meninos e Reis	Tradição que encanta!	https://fcs.mg.gov.br/tradicao-que-encanta/
12	13/08/2020	Lá do Alto	Saudade, e agora?	https://fcs.mg.gov.br/saudade-e-agora/
13	24/08/2020	A Câmera de João	Recordar é viver!	https://fcs.mg.gov.br/recordar-e-viver/
14	07/09/2020	Papagaio Verde	E se a gente voasse?	https://fcs.mg.gov.br/e-se-a-gente-voasse/
15	21/09/2020	Pety Pode Tudo	Imaginar sempre pode!	https://fcs.mg.gov.br/imaginar-sempre-pode/
16	05/10/2020	Julieta de Bicicleta	Criando seu próprio caminho!	https://fcs.mg.gov.br/criando-seu-proprio-caminho/
17	19/10/2020	O Fim do Recreio	O que alcançamos quando nos unimos?	https://fcs.mg.gov.br/o-que-alcancamos-quando-nos-unimos/
18	02/11/2020	Imagine Uma Menina Com Cabelos De Brasil...	Imagine (e faça) um mundo melhor!	https://fcs.mg.gov.br/imagine-e-faca-um-mundo-melhor/
19	16/11/2020	Meu Amigo, Meu Avô	O superpoder da amizade!	https://fcs.mg.gov.br/o-superpoder-da-amizade/

LEVANTAMENTO DE CURTAS-METRAGENS – Cineminha On-line				
20	30/11/2020	Tudestória	Criando personagens!	https://fcs.mg.gov.br/criando-personagens/
21	14/12/2020	Rua das Tulipas	O que a gente inventa?	https://fcs.mg.gov.br/o-que-a-gente-inventa/
22	08/02/2021	O Filho do Vizinho	Nesta brincadeira cabe todo mundo!	https://fcs.mg.gov.br/nesta-brincadeira-cabe-todo-mundo/
23	22/02/2021	Lipe, Vovô e o Monstro	Brincando com a voz!	https://fcs.mg.gov.br/brincando-com-a-voz/
24	08/03/2021	Metamorfose	O que vejo no espelho?	https://fcs.mg.gov.br/o-que-vejo-no-espelho/
25	29/03/2021	Millie	Meu fiel escudeiro!	https://fcs.mg.gov.br/meu-fiel-escudeiro/
26	12/04/2021	Jaboticaba	Explorando tons e texturas!	https://fcs.mg.gov.br/explorand-o-tons-e-texturas/
27	26/04/2021	O Samba Daqui	Tem tesouro nesta praia!	https://fcs.mg.gov.br/tem-tesouro-nesta-praia/
28	10/05/2021	Guacalove	Comidas animadas!	https://fcs.mg.gov.br/comidas-animadas/
29	19/05/2021	Histórias da Unha do Dedão do Pé do Fim do Mundo	Histórias e museus, abrigos de memórias!	https://fcs.mg.gov.br/historias-e-museus-abrigos-de-memorias/
30	31/05/2021	No Caminho da Escola	De tudo um pouco!	https://fcs.mg.gov.br/de-tudo-um-pouco/
31	14/06/2021	Diário de Areia	"De cabelo em pé"!	https://fcs.mg.gov.br/de-cabelo-em-pe/
32	28/06/2021	No Fim da Trama	Divertindo-se com esta trama!	https://fcs.mg.gov.br/divertind-o-se-com-esta-trama/
33	12/07/2021	Para Vler Poesia	Letras podem ser imagens?	https://fcs.mg.gov.br/letras-podem-ser-imagens/
34	09/08/2021	Nuvem	Viajando nas nuvens!	https://fcs.mg.gov.br/viajando-nas-nuvens/
35	23/08/2021	Poética de Barro	Patrimônio vivo!	https://fcs.mg.gov.br/patrimoni-o-vivo/
36	06/09/2021	Ilhas	"Se essa ilha fosse minha"!	https://fcs.mg.gov.br/se-essa-ilha-fose-minha/
37	20/09/2021	João, o Galo Desregulado	Trocando o dia pela noite!	https://fcs.mg.gov.br/trocando-o-dia-pela-noite/
38	04/10/2021	Nana e Nilo	Tempo de ser criança!	https://fcs.mg.gov.br/tempo-de-ser-crianca/
39	25/10/2021	Lé com Cré	E você, o que acha disso?	https://fcs.mg.gov.br/e-voce-o-que-acha-disso/
40	08/11/2021	Vento Viajante	Chamando o vento!	https://fcs.mg.gov.br/chamand-o-o-vento/
41	22/11/2021	A Casa e o Medo	Uma visita inesperada!	https://fcs.mg.gov.br/uma-visita-inesperada/
42	06/12/2021	Menina da Chuva	Qual cor se encaixa em quê?	https://fcs.mg.gov.br/qual-cor-se-encaixa-em-que/

LEVANTAMENTO DE CURTAS-METRAGENS – Cineminha On-line

43	20/12/2021	Sonhando Passarinhos	Diferente do que eu imaginei!	https://fcs.mg.gov.br/diferente-do-que-eu-imaginei/
44	14/02/2022	Meu Foguete	Viajando pelo espaço!	https://fcs.mg.gov.br/viajando-pelo-espaco/
45	28/02/2022	Um Rio	Os rios carregam histórias!	https://fcs.mg.gov.br/os-rios-carregam-historias/
46	14/03/2022	Super Plunf	Quais sons as comidas têm?	https://fcs.mg.gov.br/quais-sons-as-comidas-tem/
47	28/03/2022	Calango!	Aventura na areia!	https://fcs.mg.gov.br/aventura-na-areia/
48	11/04/2022	Josué e o Pé de Macaxeira	Muitas histórias em uma só!	https://fcs.mg.gov.br/muitas-historias-em-uma-so/
49	25/04/2022	Miroca e Seu Cuco Caduco	Brincando de rimar!	https://fcs.mg.gov.br/brincando-de-rimar/
50	09/05/2022	Vida de Boneco	Bonecos que ganham vida!	https://fcs.mg.gov.br/bonecos-que-ganham-vida/
51	23/05/2022	Desenhos de uma História	Meu caderno de desenho!	https://fcs.mg.gov.br/meu-caderno-de-desenho/
52	06/06/2022	3 curtas da sessão Histórias de Trem: Que Trem Bom; Esperando o Trem; Em Boa Companhia	Embarque nesse trem!	https://fcs.mg.gov.br/embarque-nesse-trem/
53	20/06/2022	A Princesa Pantaneira	Protagonista da sua própria história!	https://fcs.mg.gov.br/protagonista-da-sua-propria-historia/
54	04/07/2022	Saudade	Recordações em imagens!	https://fcs.mg.gov.br/recordacoes-em-imagens/
55	08/08/2022	O Filme de Carlinhos	Cinema, uma paixão desde a infância!	https://fcs.mg.gov.br/cinema-uma-paixao-desde-a-infancia/
56	05/09/2022	Linhas e Espirais	No ritmo da imagem!	https://fcs.mg.gov.br/no-ritmo-da-imagem/
57	03/10/2022	Napo	Entre a lembrança e a imaginação!	https://fcs.mg.gov.br/entre-a-lembranca-e-a-imaginacao/
58	31/10/2022	Transições	Cada cabeça, um cabelo!	https://fcs.mg.gov.br/cada-cabeca-um-cabelo/
59	28/11/2022	Ana	Valorizando a identidade!	https://fcs.mg.gov.br/valorizando-a-identidade/
60	26/12/2022	Bola de Trapos	Um brinquedo, muitas brincadeiras!	https://fcs.mg.gov.br/um-brinquedo-muitas-brincadeiras/

ANEXO A – Formulário de agendamento, através do *Google Forms*, que deve ser preenchido digitalmente pelo responsável pelo grupo antes da visita. Modelo utilizado durante os meses de novembro e dezembro de 2019.



Programa Cine Escola - Formulário de Agendamento/ Novembro e Dezembro de 2019

A Fundação Clóvis Salgado, por meio da Gerência de Extensão do Centro de Formação Artística e Tecnológica/CEFART, em parceria com a Escola de Artes Visuais e Gerência de Cinema convidam sua instituição para participar do Programa CINE ESCOLA.

O Programa CINE ESCOLA tem o objetivo de proporcionar ao público ferramentas para a compreensão das artes visuais e fomentar a reflexão e ampliação dos conceitos de cultura, oferecendo sessões de cinema direcionadas aos estudantes e professores de escolas, projetos sociais e instituições de ensino.

Os filmes selecionados são curta metragens exibidos no Festival de Curtas 2018/2019, divididos em três programas direcionados à primeira infância, segunda infância e juventude.

Para ter acesso às sinopses dos curtas que fazem parte do programa, clique ou copie e cole os links da programação do FestCurtas 2019 a seguir na barra de endereços:
<http://www.festivaldecurtasbh.com.br/programacao/categoria/infantil/>
<http://www.festivaldecurtasbh.com.br/programacao/categoria/juventudes/>

As sessões acontecem às quartas feiras às 09:00 e 14:00 no cinema Humberto Mauro que tem capacidade para receber 129 pessoas e duram em torno de uma hora dependendo do programa oferecido.

Preencha o formulário abaixo (um formulário para cada sessão), assinalando as sessões de interesse, de acordo com a faixa etária do seu grupo.

A seleção é feita por ordem de inscrição.

*O ato da inscrição não garante a participação no evento. As vagas são limitadas.

A confirmação de sua participação será enviada por e-mail e entraremos em contato por telefone.

E-mail *

Seu e-mail _____

Nome da Instituição: *

Sua resposta _____

Sobre a Instituição: *

Instituição de Ensino

Privada

Pública (estadual, municipal, federal)

Terceiro Setor

Outro: _____

Endereço da Instituição (rua, número, bairro e cidade): *

Sua resposta _____

Telefone da escola:

Sua resposta _____

Número de visitantes: *

Sua resposta _____

Faixa Etária: * Sua resposta _____
Nome do responsável pela visita: * Sua resposta _____
Telefone do responsável pela visita: * Sua resposta _____
E-mail do responsável pela visita: * Sua resposta _____
Nome do acompanhante no dia do evento: * Sua resposta _____
Telefone do acompanhante no dia do evento: * Sua resposta _____
Realizarão lanche no local? (Lanche da escola no estilo piquenique nos jardins do * Palácio das Artes, se estiver chovendo o local será adaptado). <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não

Alguma pessoa com deficiência? * <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não
Qual? Sua resposta _____
Possui acompanhante? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não
Sua resposta _____
Os alunos foram informados sobre a exibição dos filmes? * <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não
Gostaria de sugerir algum tema ou filme a ser exibido em futuras sessões? Sua resposta _____
Data de preferência: *

ANEXO B – Formulário de visita, que deve ser preenchido manualmente pelo responsável pelo grupo ao final da sessão. Modelo atualizado em 2023.

Fundação
Clóvis
Salgado 50



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

**FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO/ GERÊNCIA DE EXTENSÃO/ GERÊNCIA DE CINEMA
CENTRO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA E TECNOLÓGICA – CEFART
Escola de Artes Visuais**

FestCurtasBH.EducativoFCS
educativo@fcs.mg.gov.br

Formulário de visita

Nome da escola:	
Data:	Horários: [] 9h [] 14h [] 19h [] Outro:
Sessão: [] Infantil I - 4 anos [] Infantil II - 6 anos [] Juventude - 12 anos [] Programação do Cine Humberto Mauro - 19h	
Quantidade de ingressos:	
Nome completo do responsável (legível):	
Assinatura por extenso do responsável (com RG):	
Comente sobre a sessão de cinema do FestCurtasBH.EducativoFCS (impressões, sentimentos, sugestões, críticas etc.): _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____	
Assinatura da(o) professora(o) do Cefart/MASP:	
Assinatura da(o) professora(o) do Cefart/MASP:	
Assinatura da Coordenação da Escola de Artes Visuais/Mediação/Cefart/MASP:	
Assinatura da Gerência de Extensão do Cefart/MASP:	
Assinatura da Gerência de Cinema do Cefart/MASP:	

ANEXO C – Termo de anuência da instituição coparticipante da pesquisa.



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Fundação Clóvis Salgado

DIRETORIA DO CENTRO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA E TECNOLÓGICA

Relatório Termo de anuência - FCS/CEFART

Belo Horizonte, 16 de junho de 2023.

TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, Priscila Fiorini Maia Bittencourt, diretora do Centro de Formação Artística e Tecnológica (Cefart), pertencente à Fundação Clóvis Salgado (FCS), localizada na Av. Afonso Pena, nº 1537, Centro, Belo Horizonte, MG, CEP 30130-002, autorizo a realização da pesquisa “Curtas-metragens como dispositivos de mediação cultural - Um estudo de caso sobre os projetos Cine Escola e Cineminha On-line”, realizada no âmbito do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas (CEEAV) do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por Naiara Rocha Viana, sob orientação da Professora Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo, do CEEAV.

A pesquisa prevê o estudo de atividades desenvolvidas nos projetos Cine Escola e Cineminha On-line, realizados pela Escola de Artes Visuais do Cefart. Ela envolverá o levantamento e análise de imagens e documentos relacionados ao Cine Escola, agora denominado FestCurtasBH.EducativoFCS, tais como fotografias e formulários de visita, bem como imagens e informações produzidas para o Cineminha On-line.

Ao permitir a realização dessa pesquisa, a instituição envolvida autoriza a divulgação dos dados coletados para os fins de defesa e escrita da monografia de TCC, sob orientação da Profa. Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo, bem como a divulgação dos resultados da pesquisa em congressos, artigos, periódicos, entre outras atividades e eventos no âmbito acadêmico.

Este termo de autorização encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela professora orientadora responsável, de forma digital, e a outra será fornecida a Sr.^a. Os dados e materiais utilizados na pesquisa poderão ficar arquivados com a pesquisadora responsável por um período de três anos, de forma digital, ou serem destruídos tão logo a pesquisa termine, conforme a autorização do(a) participante.

Atenciosamente,

Priscila Fiorini Maia Bittencourt
Diretora do Cefart



Documento assinado eletronicamente por **Priscila Fiorini Maia Bittencourt, Diretor (a)**, em 16/06/2023, às 12:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 47.222, de 26 de julho de 2017](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.mg.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **67906019** e o código CRC **87FB1864**.

Referência: Processo nº 2180.01.0000031/2021-37

SEI nº 67906019